

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LETRAS, LICENCIATURA, COM A HABILITAÇÃO PORTUGUÊS
E INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

LITERATURA DE MASSA NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Acadêmica: Elaine Borges Lopes

Orientadora: Prof^a. Ma. Kátia Freitag

JUÍNA/2016

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LETRAS, LICENCIATURA, COM A HABILITAÇÃO PORTUGUÊS
E INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

LITERATURA DE MASSA NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Acadêmica: Elaine Borges Lopes

Orientadora: Prof^a. Ma. Kátia Fraitag

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Graduação em Letras, Licenciatura, com habilitação Português e Inglês e Respectivas Literaturas apresentada a AJES-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena”.

JUÍNA/2016

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LETRAS, LICENCIATURA, COM A HABILITAÇÃO PORTUGUÊS
E INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Carine Silvestrim Hermes

Prof. Ms. Luís Fernando Moraes de Melo

ORIENTADORA

Prof^a Ma. Kátia Fraitag

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A esta Faculdade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

À minha orientadora Kátia Fraitag, pelo suporte em todo o tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao Professor e amigo Dr. Cláudio Silveira Maia.

À minha querida Professora e amiga Ms. Aline Fernanda Ventura Sávio Leite.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

DEDICATÓRIA

À minha Mãe, (Sirlene Borges Xavier) que me incentivou desde pequena ao caminho da leitura, pela caminhada árdua e tão dificultosa do meu educar. Ao meu filho (Clark Vinícius) que me inspira com seu sorriso a cada dia para então conseguir concluir os objetivos da vida acadêmica.

*“Quanto mais me elevo, menos eu
pareço aos olhos de quem não sabe
voar”.*

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

A pesquisa visa mostrar a face da literatura como importante campo de ensino aprendizagem. Sobretudo com enfoque em uma literatura talvez pouco conhecida na nomenclatura, mas que há muito vem ganhando força e adeptos de sua leitura e produção, a chamada Literatura de Massa. Assim, essa literatura engloba diversos gêneros literários, como ficção científica, suspense, terror, policial, romance, autoajuda, fantasia, aventura, entre outros, formada por uma leitura simples e acessível. Este estudo é constituído por pesquisa bibliográfica evidenciando as devidas considerações sobre Literatura, o surgimento da Literatura da Cultura de Massa, considerações sobre a palavra cultura, a diferença entre os tipos de literatura e a relação que as mesmas desempenham na formação do leitor literário. Falar de Literatura e não evidenciar a importância da leitura é impertinente por isso a leitura direta ou indiretamente sempre vai sobreviver nas entrelinhas da pesquisa. No segundo momento, o estudo trata de uma pesquisa de campo, efetuada em uma escola estadual de ensino fundamental da cidade de Juína com o objetivo de investigar o entendimento dos alunos sobre literatura clássica e literatura de massa. Os resultados da pesquisa demonstram que independente da linha literária, faz-se importante a presença e contextualização da literatura de massa em sala de aula no processo ao incentivo e contato constante com a leitura literária.

Palavras Chave: Literatura, Leitura, Escola.

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - questionário dos alunos	46
Gráfico 2 - Primeira fase da pesquisa	47
Gráfico 3 - Primeira fase da pesquisa: literatura de massa.....	48
Gráfico 4 - Quantidade de livros clássicos lidos.....	50
Gráfico 5 - Livros da Literatura de Massa lidos.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONCEITOS SOBRE LITERATURA.....	13
2.1 A MODERNIDADE E A CONSOLIDAÇÃO DA LINHA DIVISÓRIA NA LITERATURA.....	17
2.2 A RELAÇÃO ENTRE CULTURA, CULTURA DE MASSA E LITERATURA DE MASSA	19
2.3 O DIREITO A ESCOLHA DA LEITURA LITERÁRIA	26
3 LITERATURA NA ESCOLA: A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR NA INDICAÇÃO DAS LEITURAS.....	31
3.1 ENTRE A INDICAÇÃO E A PROIBIÇÃO: O PAPEL DO PROFESSOR NA ORIENTAÇÃO	36
3.2 LITERATURA DE MASSA NO CONTEXTO ESCOLAR: ESCOLHA E GOSTO	38
4 O ENSINO DA LITERATURA NA ESCOLA: UMA PESQUISA REALIZADA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE JUÍNA.....	42
4.1 FASE 1 DA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES DE COMO É TRABALHADA A LITERATURA EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS DO PROFESSOR.....	43
4.2 PERSPECTIVA DOS ALUNOS: PRIMEIRO QUESTIONÁRIO	45
4.3 PERSPECTIVA DOS ALUNOS: SEGUNDO QUESTIONÁRIO	49
5 CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS	57

1 INTRODUÇÃO

“Então o leão se apaixonou pelo cordeiro” “De três coisas eu estava convicta. Primeira, Edward era um vampiro. Segunda, havia uma parte dele -e eu não sabia que poder essa parte teria- que tinha sede do meu sangue. E terceira, eu estava incondicional e irrevogavelmente apaixonada por ele.” (Stephenie Meyer).

É assim que uma das maiores e mais influentes escritoras da atualidade ganhou milhares de fãs e leitores assíduos dos livros da Saga Crepúsculo, a história de uma adolescente humana, que se apaixona por um vampiro, um prato cheio para as indústrias cinematográficas, a história de amor entre *Bella Swan* e *Edward Cullen* rendeu para o estúdio *Summit Entertainment*, mais de 2,4 bilhões de dólares em todo o mundo desde o lançamento do primeiro filme em 2008.

O mesmo acontece com outros fenômenos literários como “O Código da Vinci”, “As Crônicas de Nárnia”, “O Hobbit”, “O Senhor dos Anéis”, “Harry Potter”, “50 tons de cinza”, “A culpa é das estrelas”, entre tantos outros livros pertencentes a chamada Literatura de Massa que ganharam adaptações cinematográficas. Esses livros tem algo em comum, todos são líderes de vendas em todo o mundo e após serem lançados nos cinemas e vinculados nos meios de comunicação em massa foram fenômenos de bilheteria, contudo a abordagem do tema para esse estudo é, que se pode explorar e trabalhar no ambiente escolar dentro das aulas de literatura esses tipos de livros tão envolventes e alucinantes.

A conhecida Literatura da Cultura de Massa está presente nas escolas e fora delas. Os alunos têm contato com esses livros que chegam a grande escala nos lares e na vida de boa parte dos jovens, crianças e adultos. A proposta desta pesquisa consiste em observar se alunos e professores percebem a relevância das literaturas clássicas e de massa em momentos de leitura na escola, sendo que os livros estão presentes dentro da escola e em contato diário com os discentes.

Através das teorias literárias e os apontamentos da crítica tradicional a literatura de massa ainda não recebe a devida atenção por parte de estudiosos, críticos literários e professores, em relação a sua presença na sociedade, sobretudo entre o público juvenil. Assim, este tipo de literatura pode não ter sido percebida e valorada como meio de facilitar o desenvolvimento da leitura, da imaginação despertada, além de servir como um recurso interessante para envolver conteúdos

em sala de aula, os estudos bibliográficos indica que a literatura de massa é mais acessível e de maior conhecimento por boa parte dos alunos.

Os objetivos deste estudo rumam na tentativa de compreender de que maneira são, ou podem ser abordadas a inserção das literaturas clássica e de massa no ambiente escolar e sua colaboração no processo de ensino aprendizagem.

Alguns estudiosos discorrem sobre a aceitação ou falta de aceitação que certas obras passam a ter no contexto escolar e vida de diversos estudantes, sendo que algumas das obras desta vertente podem ser negligenciadas por uma crítica literária que não considera a literatura de massa como elemento importante para a leitura e cotidiano de estudantes. Sobretudo se observada pela ótica do setor da indústria cultural que estas obras representam, sendo foco de discussões em relação ao mercado consumidor que esta literatura sofre incentivo, sendo alvo de divulgação da mídia e até reprodução cinematográfica mundial. No entanto, vale ressaltar que este tipo de literatura aponta pontos positivos, como por exemplo, em relação a leitura, o aluno que lê gêneros literários de massa pode ter benefícios na aprendizagem, no senso crítico, na aquisição do gosto pela leitura, principalmente se estas perspectivas forem fomentadas em sala de aula.

A relevância desta pesquisa se dá pela contribuição no sentido de refletir sobre um tipo de literatura amplamente difundido entre os jovens, de modo crescente, que é a literatura de massa, mas que na escola parece ainda perder espaço pela indicação dos livros clássicos. A literatura clássica é mais incentivada, seja entre os professores, ou até mesmo com bases nos Parâmetros Curriculares Nacionais, sobretudo para estudantes que pretendem passar por processos seletivos e avaliativos, como o ENEM, por exemplo. Neste sentido, a literatura de massa parece não acompanhar na mesma proporção outras obras literárias no ensino da literatura dentro da escola. Ressalta-se que nenhuma das duas literaturas deve ser desmerecida no processo de ensino aprendizagem, pois ambas têm sua importância.

Desta feita, algumas suspeitas insurgem e norteiam o estudo, as problemáticas em questão apontam para algumas questões como: Como foi e é percebida a literatura de massa por literatos e pesquisadores? Como é percebida a

literatura de massa pelos alunos? De que maneira o professor pode pensar a literatura de massa nas suas práticas educacionais?

Na tentativa de responder à estas questões, parte-se de uma divisão de estudo neste trabalho, em capítulos para melhor organizar os assuntos.

O primeiro capítulo do trabalho traz um apanhado histórico considerando os diferentes temas abordados, sobre conceitos que definem Literatura, qual a relação e as diferenças da Literatura clássica e a Literatura de Massa, a relação da palavra cultura dentro da literatura influenciando nos aspectos sociais e culturais que o livro fornece em sua nomenclatura. Considerações sobre o início da Literatura de Massa e como os meios de comunicação em massa influenciaram para a propagação desse tipo de produção literária. Também se aborda o direito de escolha de diferentes leituras e como elas influenciam o leitor em seu desenvolvimento escolar.

O segundo capítulo trata de alguns apontamentos de autores que salientam como a literatura na escola está contribuindo para o ensino – aprendizagem, e como a contribuição do professor como mediador do conhecimento pode impulsionar e de fato melhorar no desenvolvimento das aulas de literatura, promovendo e reforçando a diferença existente nos livros clássicos e nos livros pertencentes à literatura de massa.

O terceiro capítulo discorre de pesquisa de campo desenvolvida em dois momentos com alunos e professores de uma escola Estadual do Município de Juína-MT, turma do 9º ano do Ensino fundamental II, na disciplina de Língua Portuguesa, com a aplicação de um questionário composto de duas questões objetivas para o professor e 3 questões abertas para os alunos. Sendo que a pesquisa consiste em duas fases.

Na primeira fase da pesquisa, o questionário é aplicado sem qualquer tipo de informação sobre o tema, e na segunda fase, depois de uma explicação detalhada sobre a diferença e a divisão existente na literatura, se faz uma segunda aplicação das duas últimas questões. No desenvolvimento desta pesquisa, tanto bibliográfica quanto de campo, pretende-se descobrir se, a nomenclatura “Literatura de Massa” é reconhecida pelos estudantes e professores. Se este tipo de literatura é apreciado no ambiente escolar do mesmo modo que fora da escola, e em que sentido a Literatura de massa pode contribuir na prática da leitura.

Estes questionamentos e outros, norteiam a investigação desta pesquisa, que busca compreender a presença da Literatura de massa na vida dos estudantes e no trabalho do professor.

2 CONCEITOS SOBRE LITERATURA

*"Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser
escritos."*

(Carlos Drumond de Andrade)

Penetrar “no reino das palavras”, ao se tratar de literatura, parece algo difuso entre diversos autores que defendem a expressão por meio da literatura em diferentes gêneros, poesia, prosa, crônica, literaturas diversas, mas especificamente ao tratar de literatura de massa, este penetrar nas palavras em boa parte parece estar associado mais à prática de leitura de um público, sobretudo juvenil que na prática escolar. Mas porque parece ter uma linha divisória entre esta literatura e a literatura clássica? Para Eagleton (2006 p.2) em seu livro *Teoria da Literatura: Uma Introdução*, aspectos decorrente sobre as diversas faces da literatura, o autor defende que em diferentes lugares, países, e as produções de diversos escritores, a arte de escrever é presente.

A literatura coexiste com a escrita e com o público leitor, assim, uma obra passa a ter sentido e passa a existir, a partir do público, de acordo com Antônio Cândido (2006).

Assim como a pintura, a música, a arquitetura, a dança, o teatro, entre outras manifestações culturais, a literatura também é uma arte, ela transmite as sensações do homem, imprime não só os conhecimentos, mas também a cultura e a história de uma sociedade ao longo dos séculos. Além de ser um instrumento de comunicação, pois as obras literárias ajudam o indivíduo a compreender sobre si mesmo e sobre o comportamento humano no decorrer dos tempos. Mas nem sempre a literatura pôde ser vista desta maneira.

Apesar de considerada uma das artes denota-se da literatura que primeiramente, antes do século XIX, de acordo com Lourenço (2012), a literatura existiu sem um lugar próprio e sem um público amplo, salvo que poucas pessoas, exceto a elite dominante, tinham a chance de aprender a ler. Os textos escritos eram tidos como relíquias e somente acessíveis aos considerados sábios, poetas,

escritores, professores. Apenas com o período literário do Romantismo a literatura passou a ter um lugar de destaque no campo das Artes e nas primeiras universidades se propagando entre a sociedade. No que antecede esse período, não havia uma separação específica dessa arte peculiar da música, da pintura, dentre os outros tipos de arte.

No final do século XV, se inicia um novo contexto social, com o surgimento da imprensa e a produção de livros em maiores quantidades, moldando um espaço para a literatura e facilitando o seu acesso. Conforme explica Lourenço (2012, p. 49) “com a ascensão da burguesia no século XVIII, as oportunidades de ensino escolar aumentaram, assim como o número de leitores”, fatores contribuintes para a elevação do *status* do texto literário.

A literatura desde a sua origem e no decurso da história sofreu diversas transformações, entretanto Silva (2008) destaca que o conceito de “literatura” já havia sido desmistificado e tomado forma antes mesmo do Renascimento, “a própria palavra começou a ser usada em inglês no século XIV, seguindo precedentes francês e latino”. (SILVA, 2008. APUD. WILLIAMS, 1979, p. 51-52).

O sentido da palavra Literatura, tal qual se sabe atualmente segundo a definição do dicionário de Português online Michaelis (2009)

li.te.ra.tu.ra: *sf* (*lat litteratura*) 1 Arte de compor escritos, em prosa ou em verso, de acordo com princípios teóricos ou práticos. 2 O exercício dessa arte ou da eloquência e poesia. 3 O conjunto das obras literárias de um agregado social, ou em dada linguagem, ou referidas a determinado assunto: *Literatura infantil, literatura científica, literatura de propaganda ou publicitária*. 4 A história das obras literárias do espírito humano. 5 O conjunto dos homens distintos nas letras. *L. amena*: literatura recreativa; beletrística. *L. de cordel*: a de pouco ou nenhum valor literário, como a das brochuras penduradas em cordel nas bancas dos jornaleiros. *L. de ficção*: o romance e o conto (também se diz simplesmente *ficção*). *L. oral*: todas as manifestações culturais (conto, lenda, mito, adivinhações, provérbios, cantos, orações etc.), de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos; parte do folclore. (MICHAELIS 1998-2009)

O que diz o dicionário é apenas um conceito científico da palavra, mas a literatura está além das regras, além da sequência e além de uma teoria de formas, de padrões estáticos e estagnados, a literatura retrata a evolução da sociedade, ou seja, "A literatura é a expressão da sociedade, assim como a palavra é a expressão

do homem", para Louis Bonald, (2001), e faz com que o indivíduo se descubra através das palavras, do universo imaginário.

Conforme diz Eagleton (2006 p.1) em relação à literatura "É possível, por exemplo, defini-la como a escrita imaginativa", retratando a face da realidade humana, das mazelas do povo, dos amores inatingíveis, e daqueles que usaram o poder das palavras para exaltar a indignação frente à alienação, e aqueles que produzem e cria apenas para entreter, divertir fazer sonhar.

O que Lourenço (2012) fala em sua dissertação intitulada, *Entre Instituições de Ensino e Mercado de Consumo: a leitura de narrativas em língua inglesa por adolescentes brasileiros*, sobre a Literatura, mostra-se o início de um conceito há muito estabelecido, mas que com a idade contemporânea passa a ser questionado:

As diversas transformações pelas quais a literatura passou no decorrer dos séculos, também fizeram com que diversas definições lhe fossem dadas, a começar pela obra *A Poética*, de Aristóteles, conhecida por sua importância crítica, porém bastante questionada. Nessa obra, o texto literário é visto como belo. A principal característica da literatura é para o filósofo a beleza estética (a forma), tanto que cada gênero literário tem propriedades únicas, (poesia épica, poesia lírica, tragédia, comédia) postas como imutáveis. A imitação da realidade (*mimesis*) é vista também como elemento constante na literatura, pois todo texto literário seria baseado na realidade, em recriar homens bons (tragédia) e ruins (comédia). Tais definições de literariedade permaneceram por muito tempo até passarem a ser questionadas, visto a transformação que os gêneros literários sofreram, tanto que não nos é mais possível afirmá-los como imutáveis, devido à sua diversidade e às dificuldades encontradas nas tentativas de classificá-los. (LOURENÇO, 2012, p.49).

Os estudos da autora só reforçam que a literatura sofreu e ainda sofre diversas transformações com o passar dos tempos, dentro do processo histórico, da evolução das Artes, pelo dinamismo cultural, e a evolução do pensamento ocidental, em que a mesma relata a relação dos pensamentos do filósofo grego Aristóteles, em que tudo que era Arte precisamente seria belo. O idealismo grego de beleza reflete nas Artes, a literatura denominada pela contemporaneidade é considerada a sexta arte consequentemente sofreu também a idealização dos critérios de beleza.

Em suma, as definições sobre o conceito de literatura não se constitui de uma só maneira, tanto Eagleton, Lourenço, entre outros, expõem essa dinamização e transformação da arte literária através dos tempos, através da evolução do pensamento humano, e da escrita, neste sentido, o que se supõe é que a literatura e

as obras e os estilos que a compõe, não devem ser superiorizadas ou inferiorizadas por exigências do tipo linguagem culta, rebuscada, erudita, mas, repensando no contexto atual a literatura que não agrega tais valores estéticos de escrita podem atingir ao público tanto quanto uma obra com um estilo de escrita mais comum e informal.

É o caso das literaturas em questão (clássica e de massa), pois a literatura de massa, geralmente parece ter uma linguagem mais comum, o que a torna a certo ponto acessível aos públicos de diferentes classes sociais, assim, sua linguagem não pode ser depreciada em relação a outras literaturas, pois há um público apreciador.

Todorov (2009) em sua tão vasta contribuição para a literatura aponta alguns aspectos do que sente e pensa sobre essa Arte, a literatura em questão e de modo geral, que de fato segue a mesma linha de pensamento dos autores citados anteriormente:

(...) a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p.23).

A preocupação de Todorov em aproximar a literatura da humanidade se torna evidente em suas obras, humanizar o homem, ou seja, esse é o poder da literatura, para ele A literatura pode muito. Ela pode ser o amparo para os dias de depressão, nos deixar próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos ajudando a viver e com um maior contato com o mundo externo.

Com isso Todorov (2009) salienta sua preocupação não só em buscar definições para a literatura, mas também em como a literatura na modernidade alcança um patamar perigoso, a modernidade traz consigo duas concepções, ligadas a um novo olhar sobre a secularização da religiosidade e da arte, a relação entre o artista criador, se comparando ao Deus criador, produzindo conjuntos lógicos e voltados para si mesmos. A outra relação que o autor ressalta é no rompimento com a visão clássica que consistia em dizer que o objetivo da poesia era instruir o belo. O belo se caracterizava em não conduzir a nada que esteja além de si mesmo.

A interpretação da imagem do belo, imposta a partir do século XVIII, é em si mesma, segundo o autor uma laicização do conceito de divindade, ou seja, manter esse conceito de que só era considerada literatura ou uma obra poética se carregasse em si o conceito e a idealização do belo.

Para esse grande estudioso das teorias literárias, que não se considera um crítico literário, a modernidade fez com que o conceito antigo de literatura caísse por terra, é o mesmo que laicizar a literatura, ao alcance de todos, quem estivesse no comando da escrita e da leitura poderia sim colocar características próprias na maneira de escrever, de criar.

2.1 A MODERNIDADE E A CONSOLIDAÇÃO DA LINHA DIVISÓRIA NA LITERATURA

Como visto, a definição do significado de literatura não é necessariamente o que mais importa entre os estudiosos e críticos literários, mas sim, o que a literatura agrega para a sociedade.

Conforme diz Alves (2008) os significados para o termo “literatura” são oriundos da atualidade, que se consolida pelo conjunto distinto de obras, tanto pela origem, temática, e público propendido. Alves (2008, p.2) ressalta que “derivando daí expressões do tipo “literatura infanto-juvenil”, “literatura de massa”, “literatura feminina”, “literatura de fixação científica” etc.”.

Além destas variações pode-se apreender que é possível haver uma hierarquia dentro da literatura, que considera mais “importante” alguns tipos de literatura que outras, ainda na atualidade. Ao que se percebem, algumas obras consideradas cultas, ou seja, textos e livros canônicos¹, ou seja, livros, ou obras, imortalizadas por grandes representantes de cada escola literária em diferentes períodos, por longo tempo na história foi considerada como de maior qualidade, haja vista, que o embelezamento da linguagem esteve associado ao nível de estudo de literatos. Em relação à literatura clássica observa-se este aspecto.

¹ s.m. Regra padrão, princípio absoluto do qual são retiradas diversas regras específicas. Modo de se comportar; modelo. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/canone>>

Para Machado (2002, p.20) “uma das possíveis origens da palavra “clássico”, etimologicamente, seria uma derivação de *classos*, um tipo de embarcação, uma nave para longas viagens”. Assim a autora tenta deixar clara a importância de se ler os clássicos por se tratar de uma viagem sem fim, uma viagem longa e cheia de descobertas.

Machado (2002) em seu guia prático *Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo*, mostra o quão importante se fez a leitura de algumas obras para grandes nomes da filosofia e da literatura nacional e mundial:

O poeta Carlos Drummond de Andrade fez mais de um poema lembrando seu deslumbramento ao descobrir outro clássico em cuja leitura mergulhava, o Robinson Crusuê. A romancista Clarice Lispector escreveu sobre a intensa felicidade que lhe proporcionou a leitura de *Reinações de Narizinho*, um clássico brasileiro. O poeta Paulo Mendes Campos celebrou *Alice no país das Maravilhas*, do inglês Lewis Carroll, como uma das chaves que abrem as portas da realidade. O crítico francês Roland Barthes descobriu nas leituras adolescentes da mitologia grega um fascínio pelos argonautas e seu navio Argos, que o acompanhou por toda a vida- e esse mesmo mito do Velocino de Ouro exerceu seu magnetismo sobre o inglês William Morris e o argentino Jorge Luís Borges. Este, aliás, se confessou em débito com obras muitas vezes consideradas infanto-juvenis como *Narrativa de Arthur Gordon Pym*, de Edgar Allan Poe, *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, e *Moby Dick*, de Herman Melville. O crítico inglês George Steiner confessa que desde a infância tinha as histórias do Antigo Testamento como “uma voz tutelar”. O romancista norte-americano Ernest Hemingway nunca escondeu sua admiração incondicional pelo clássico juvenil *As Aventuras de Huck* (Huckleberry Finn), de Mark Twain, que leu na adolescência. O jurista Evandro Lins e Silva se revela eternamente marcado pelos contos de fadas que sua mãe lhe contava e pelo que ela conversava com ele a respeito dos livros que lia. O romancista José Lins do Rego foi tão influenciado pelas histórias tradicionais ouvidas de uma ex-escrava, no engenho, que, ao se tornar escritor, marcou a literatura brasileira com os traços da oralidade. O autor italiano Umberto Eco revela seu encantamento com as nuances narrativas da abertura de *Pinóquio*, que desde criança fazem o pequeno leitor se perguntar: “mas esse cara aí está falando assim diretamente só comigo ou com todo mundo?”. (MACHADO 2002 p. 10-11)

Assim a autora quis evidenciar o que a leitura dos livros clássicos, proporcionou para grandes pensadores e escritores quando os mesmos teve contato com a literatura clássica, somente grandes nomes e grandes obras reconhecidas mundialmente foram citados a cima. Essa é a nomenclatura de um livro clássico, da literatura clássica, o que eles proporcionam de bagagem de reflexão humana para o seu leitor.

Segundo Calvino (1981 p. 9) “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo”... e nunca “Estou lendo”...”, para esse estudioso

cubano, a literatura clássica está ligada a esferas de sentimentalismos e encontros com “eus” desconhecidos, a linguagem e a abordagem são únicas e melancólicas. Apontando alguns posicionamentos sobre os textos clássicos, Calvino (1981) diz:

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira, vez nas melhores condições para apreciá-los. Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO 1981, p. 10-11)

Ou seja, para Calvino (1981 p. 11) “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

Com isso, entre as diversas ramificações da literatura, discute-se a literatura Clássica e Literatura não clássica, neste sentido o enfoque desta pesquisa se dá a Literatura de Massa.

2.2 A RELAÇÃO ENTRE CULTURA, CULTURA DE MASSA E LITERATURA DE MASSA

Primeiramente, o que significa a palavra “cultura”? Essa palavra é muito usada e abrangem diversos significados, muitos foram os estudos para designar o termo que melhor a definisse, de uma maneira universal, Laraia (2001) destaca:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". (LARAIA, 2001, p. 25).

Mas, o termo especificado não poderia ficar ligado apenas ao conceito científico da etimologia da palavra, conseqüentemente novos autores se incumbiram em desmembrar a palavra cultura em suas respectivas áreas de atuação.

Para Santos (1983) a palavra cultura se relaciona com a humanidade e sua evolução social, entre os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos a

estenderem relação uns com os outros. Em sua obra *O que é Cultura*, ele fala que cada realidade cultural tem suas próprias características, e que é de nossa inteira responsabilidade buscar entender e conhecer para que faça sentido, ressaltando duas concepções, presentes nas práticas, nos costumes e nas transformações pelas quais estas passam.

Assim diz Santos (1983) que:

As várias maneiras de entender o que é cultura derivam de um conjunto comum de preocupações que podemos localizar em duas concepções básicas. A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. (...) Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. Nesses casos, cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais. (SANTOS 1983, p. 22-24)

Portanto, Santos (1983) ao dividir essas duas concepções de cultura contribui que uma se restringe no campo da organização social, e ao comportamento humano, e a outra ao conhecimento, às ideias e crenças, “[...] de acordo com esta segunda concepção, quando falarmos em cultura [...] poderemos estar fazendo referência à língua, [...] à sua literatura, ao conhecimento filosófico, científico e artístico [...]”, (SANTOS 1983, p.24) e é nesse sentido que a sociedade vai tomando parte e se apropriando da cultura, modificando-a e acrescentando elementos diversos para poder tratar de diferentes assuntos. Como se vê, a cultura engloba a literatura, a escrita, a reflexão, a sociedade.

Quando se usa o termo cultura para atribuir níveis de conhecimento de um determinado grupo social, referente ao conceito de manifestações artísticas de uma determinada sociedade, supostamente a literatura que é produzida em determinados locais e em determinados períodos, designa as características da sociedade que ela compõe, para Caldas (2000, p. 6) “o uso popular do termo cultura está muito mais ligado à concepção de erudição², no campo das letras, ou de virtuosismo, no âmbito

² s.f. Excesso de conhecimento e/ou de cultura, normalmente, conseguidos através da leitura. Particularidade do que é erudito. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/erudição>>.

das artes, e assim por diante”.

Ainda conforme Caldas (2000), dessa perspectiva pode-se dizer que o homem é de fato um ser culto e que não se deve pensar que existem sociedades e indivíduos incultos dentro de suas especialidades, pois, toda sociedade é capaz de produzir, pensar e desenvolver maneiras particulares de se viver, não importa a simplicidade que isso venha a ser, a partir disso, um novo termo foi criado a “cultura de massa”.

O termo se definiu com o avanço do capitalismo no início do século XX. As mudanças decorrentes do capitalismo se deram nos campos econômicos, da política e culturais, principalmente introduzindo novas formas sociais, padrões de comportamentos que vão denominando novos caminhos a serem seguidos desde a moda, a beleza, o modo de vida, e o consumo supérfluo e exagerado.

Assim, Caldas (2000) acrescenta:

A esse conjunto e ao resultado dessas alterações que se consolidam a partir dos anos 30 deste século, os estudiosos deram o nome de Sociedade de massa. Os primeiros sinais do horizonte desta Sociedade, no entanto, são muito anteriores a esse período. Eles surgem ainda em meados do século XIX com as obras de Alexis de Tocqueville, *Democracia na América*, publicada em 1840 e Gustave Le Bon, *Psicologia das Multidões*, de 1870. Nesse momento, na Europa, com a consolidação da Revolução Industrial, criam-se as condições econômicas, políticas e sociais para o surgimento posterior da moderna sociedade de classes. A expressão “povo” cede lugar ao termo “massa”, usado inicialmente por Tocqueville e depois por Le Bon, com o objetivo de conceituar aglomerados humanos desorganizados, casuais e sem objetivos definidos. Ao mesmo tempo, como assinala o sociólogo inglês Alan Swingewood delineava-se a nova face da sociedade emergente: o desenvolvimento da divisão capitalista do trabalho, a organização e a produção de mercadorias em fábricas de larga escala, populações urbanas densamente concentradas, o crescimento das cidades, as decisões centralizadas, um sistema mais complexo e universal de comunicações e o crescimento dos movimentos políticos de massa baseados na extensão dos direitos de voto à classe operária, são as características ideais da sociedade de massa. (CALDAS 2000, p. 35)

Com a objetividade de alcançar patamar universal, e um contingente gigantesco de pessoas que aceitasse esses novos padrões, segundo o autor, o capitalismo se disseminou no mundo ocidental, cada vez foi ficando maior o caráter impessoal nas relações sociais, denomina-se então a indústria cultural, tornando os bens algo comum a todos, descobre-se e inventam-se os meios de comunicação em massa o rádio, o telégrafo, o cinema, a televisão, e a partir daí, se vende o que quer

se acredita no que quer, e as pessoas de modo geral tendem a seguir de forma eloquente tudo o que esses meios transmitem e declaram como padrões de ideologias e de vida.

Conforme diz Morin (2002) os problemas que emergem em meados do século XX, problemas estes que para Morin (2002 p. 15) são “colocados por essa estranha noosfera, que flutua na corrente da civilização (...) passam rapidamente da periferia para o centro das interrogações contemporâneas”. Ele considera isso como uma terceira cultura, proveniente do cinema, da imprensa, do rádio, da televisão, que surgem e projetam-se ao lado das culturas clássicas, religiosas, nacionais e filosóficas. Que Morin (2002 p.15) destaca “é no amanhã da Segunda Guerra Mundial que a sociologia americana detecta, reconhece a Terceira Cultura e a domina: *mass culture*. Cultura de massa, isto é, produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial”.

Assim para deixar claros os níveis de cultura e as diferentes definições imposta a essa palavra pelos estudiosos, considera o autor Teixeira Coelho (1993, p.8) “Um dos caminhos, para se entrar nessa discussão, é o aberto por Dwight MacDonal³ que fala na existência de três formas de manifestação cultural: superior, média e de massa (subentendendo-se por cultura de massa uma cultura "inferior")”.

Teixeira Coelho (1993) explica:

Não é difícil saber o que abrange o rótulo cultura superior: são todos os produtos canonizados pela crítica erudita, como as pinturas do Renascimento, as composições de Beethoven, os romances "difíceis" de Proust e Joyce, a arquitetura de Frank Lloyd Wright e todos os seus congêneres. Também não é complicado identificar os produtos da midcult: são os Mozarts executados em ritmo de discoteca; as pinturas de queimadas na selva que se pode comprar todos os domingos nas praças públicas; os romances de Zé Mauro de Vasconcelos, com sua linguagem artificiosa e cheia de alegorias fáceis, daquelas mesmas que as escolas de samba fazem desfilar todos os anos na avenida; as poesias onde pulula um lirismo de segunda mão e de chavões; as fachadas das casas que, pelo interior adentro, reproduzem, desbastada-mente, o estilema (isto é, o traço central do estilo) do Palácio da Alvorada. E os exemplos poderiam continuar indefinidamente, segundo a memória e a imaginação de cada um. (TEIXEIRA COELHO 1993, p.8)

³ Eco (2010 p.1) “Em 1960, o crítico cultural americano Dwight Macdonald escreveu um ótimo ensaio intitulado “Cultura de Massa e Cultura Média”, no qual identificava não apenas dois, mas três níveis de cultura”.

Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2010/05/03/guerras-culturais.htm>>

Com isso fica fácil entender a divisão e as mudanças existentes na cultura e na sociedade que a integra, e como o meio cultural se torna industrial, ou o industrial se torna cultural, é algo a se refletir. Isso refletiu e influenciou também nas Artes.

Portanto, essas questões estruturais refletiram também no âmbito das artes e em consequência na literatura, moldando a estética dos textos e a maneira com que os autores se portam, é a partir daí que a literatura especializa-se e consolida-se enquanto conceito e prática social se tornando também um termo, ou seja, um meio de comunicação em massa, que adquire características próprias, lançadoras de tendências e seguimentos, vividas e acreditadas pela “massa”.

Mas a Literatura de massa já vinha ganhando forças antes da idade contemporânea e do pós-guerra. Em meados do século XIX a Literatura de Massa nasce com a ascensão da burguesia e com o surgimento do capitalismo, assim, escritores dessa época rompem totalmente com o classicismo fazendo surgir, então, uma literatura voltada a esse público. Segundo Gonzaga (2002 p.1), “mais diversificado e numeroso, já sem nenhuma identificação com a arte neoclássica da aristocracia cortesã, este público consome livros de forma intensa”. Aranha (2009, p.1) reforça “O surgimento do romance folhetim marcou o início de um novo modelo de expressão literária caracterizado pela simplificação formal e acessibilidade da linguagem, dentre outros aspectos”.

Esse questionamento fica totalmente evidente no início do século XX, com o Modernismo, escola literária preocupada com o informal, a não denominar-se de fato, a não preocupar-se com o que a antiga geração reproduzia. A estética do texto não era mais a principal inquietação dos autores, aspecto este pertencente à literatura clássica, os modernistas queriam apenas escrever, tornar-se parte de sua própria escrita, assim surgem às chamadas subliteratura ou paraliteratura, (liberdade no escrever), textos de linguagem simples e de fácil entendimento escrito para o povo e sobre o povo.

Aspectos esses, predominantes nas histórias de personagens simples, contrapondo as narrativas de vocabulário rebuscado e de estética clássica, pertencentes à literatura culta, assim Cortina (2011) define que:

Primeiramente é preciso dizer que a chamada literatura de massa abrange uma diversidade de obras, com variadas temáticas. Existem os romances policiais, que sempre foram muito procurados, os livros de humor e sátira,

as reportagens biográficas, os religiosos, entre vários outros, mas o que se percebe é que o crescimento da produção de obras de autoajuda vem tomando proporções diferenciadas. (CORTINA, p. 136, 2011).

Em seus estudos Cortina evidencia o caráter ideológico da literatura de massa, sua corrente de pensamento é sobre a linguagem e análise dialógica presentes nos livros de autoajuda, para ele esses livros se constitui em uma literatura própria.

Caracterizando de fato um público para o consumo dessas obras, que não apenas é lida em ambiente escolar, como também, nos ambientes sociais, de lazer, e para diversos fins.

Segundo Aranha (2009, p. 2) “Por ser um produto dirigido às massas, de grande penetração, esta literatura sofre influência direta dos fatores de mercado, tendo sido estimulada pelo incremento da capacidade de reprodução e distribuição dos bens culturais”. E assim as obras pertencentes a essa literatura foi ganhando espaço e prestígio no cenário artístico, sua concepção e análise do tema abordado em seus estudos é um questionamento de como se chegou a esse patamar de *best-sellers*, o que se convencionou chamar de literatura de massa ao longo do tempo.

A literatura se torna também um dos temas da cultura de massa, e separada pela crítica literária da literatura clássica. Assim os novos escritores pertencentes a esse conjunto passam a viver do dinheiro arrecadado com a venda de suas obras, diferentemente de outros períodos literários na história, que são produzidas e reproduzidas em grande escala, para diversos tipos de público consumidor. Para Aranha (2009) isso ocorre pela acessibilidade da linguagem, e que de fato existe a consolidação desse modelo literário.

Teoricamente, em relação à cultura de massa, o que se escreve e o que se fala é o que o público quer ouvir ou saber, um produto, um objeto massificado, quebrando regras, arrastando multidões e lançando moda através dos veículos de comunicação, principalmente pela indústria cinematográfica, as obras literárias passaram a se transformar em produções para o cinema, aumentando o número de espectadores e de leitores. Com isso, não se quer dizer que seja algo negativo, afinal algumas obras, inclusive brasileiras foram voltadas ao cinema, o que se quer tratar é que em relação a literatura clássica, a reprodução para o cinema dos *Best*

Sellers é inigualável, pois os *Best Sellers* têm ganhado mais espaço que as obras clássicas.

A literatura de massa engloba um número significativo de leitores, com suas vontades, com suas rotinas, os escritores colocam na página de seus livros o cotidiano das pessoas, o que elas de fato gostariam um dia de ser ou terem sido, em um mundo real ou de fantasia.

A partir daí, consolida-se uma literatura que será usada como um bem de consumo, de acordo com Adorno (2002), pois afirma que a Literatura passa a ser um bem da Indústria Cultural. Com isso, os livros vão se tornando populares, ganhando espaços junto aos meios de comunicação em massa, esses livros passam a ter outra significação, recebem o nome de *best-sellers*.

Estas obras foram ganhando mais e mais espaço nas estantes dos leitores, passaram a entrar na lista dos mais vendidos, dos mais lidos do ano, e seus autores passaram a movimentar multidões, lançando moda, influenciando pessoas de todo o mundo, seus personagens passando a serem os mais conhecidos de todos os tempos. Um exemplo pode-se citar as obras da escritora britânica Joanne Kathleen Rowling, *Harry Potter*, a saga do bruxinho mais famoso do mundo, comporta 6 livros que sempre ocuparam o topo dos livros mais vendidos do mundo, tanto na categoria infantil como na adulta.

E com isso a crítica literária conservadora que aparentemente tende a sobressaltar os clássicos, devido sua importância no cenário literário, mostra sua postura contrária ao falar dos produtos da literatura de massa, isso fica evidente nas palavras de um dos maiores críticos literários norte-americanos da atualidade, Harold Bloom, referente às obras consideradas pela crítica como uma subliteratura, ele fala a uma entrevista, cedida à Folha de São Paulo sobre o fenômeno e campeão de vendas “Harry Potter”:

Na verdade estamos na Idade da Tela, as pessoas não leem de modo profundo e sério. E se não se lê profunda e seriamente, não se raciocina muito bem. O pensamento depende da memória e o que iremos lembrar se não lembramos o melhor do que foi escrito? Não sei quantos jovens no Brasil hoje leem Camões, quantos jovens italianos leem Dante, quantos jovens alemães leem Goethe ou quantos jovens aqui leem Walt Whitman. Acho que algo está ruindo. É todo esse horrível fenômeno “Harry Potter”, que não tem nada a ver com leitura. Parece que estamos resvalando para o barbarismo, e esse fenômeno é universal. (BLOOM, 2005).

Como se vê, o autor tece duras críticas à literatura de massa. Entretanto, existem opiniões diversas, referente a esse tipo de literatura. Quando se tenta definir o que possa ser uma leitura literária é evidente a preocupação em conceituar quais textos venham a ser literatura, segundo Eagleton (2003, p. 9) “alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta”.

Ele quer dizer que o que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram, essas obras têm de fato leitores assíduos e que por trazer características inerentes ao cotidiano ganha espaço de respeito entre os leitores e que se eles decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado.

Neste sentido, Santos corrobora:

Os demais textos, portanto, não serão valorados e categorizados sob esses importantes nomes, ainda que possuam características literárias. Para esses, reservam-se outras expressões, como “literatura popular”, “literatura infantil”, “infanto-juvenil”, “*bestsellers*”, etc. Todos esses títulos se encaixam no campo semântico “não literário” grifo meu da Literatura da Cultura de massa. (...) os livros voltados para o público jovem, especialmente os *bestsellers*, que, pelo menos nos últimos dez anos, multiplicaram em quantidade e se faleceram no mercado editorial mundial. (SANTOS, p. 257)

No discurso dos tempos a Literatura vai ganhando forma vai se moldando, de modo geral vai configurando uma espécie de cultura - no sentido de tornar-se culto - que chega até as massas, evidenciando seus costumes e exigências da sociedade de cada época, nas páginas descritas de qualquer estória contada. Ou seja, para Santos a literatura muda com o tempo.

2.3 O DIREITO A ESCOLHA DA LEITURA LITERÁRIA

“A poesia é difícil, e é memorável em consequência de um prazer difícil, sendo que um prazer suficientemente difícil é uma espécie de dor.”

(Harold Bloom)

Como de fato mostrar a uma pessoa a verdadeira razão de se ler um bom texto? E o que seria um “bom” texto? E como ainda poder manifestar a ela o gosto pela leitura? São tantas perguntas para uma simples e talvez difícilíssima resposta. Para Machado (2002) ler um bom texto é ler um clássico.

Já para Bamberger (2002) o gosto pela leitura deve-se desenvolver com o hábito de ler, ler é o melhor caminho para então sair da zona de conforto, para de fato perpetuar a vontade e ânsia de novas descobertas, de novos dizeres, de novos horizontes, tanto no campo dos saberes quanto no cotidiano.

Para Bamberger (2002, p.11) “a leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual.” Bamberger (2002) fala que os livros têm sido há séculos portadores do conhecimento de uma geração para a outra, e que dificilmente se tornarão ultrapassados por qualquer outro meio de comunicação, ajudando cada indivíduo que a ele venha recorrer e proporcionando-lhes diversos tipos de emoções.

E é aí que está a problemática levantada por diversas pessoas, o que de fato deve-se ler, se tem ou não que sentir prazer com essa prática? Em outro trecho de seu livro *Como Incentivar o Hábito de Leitura* Bamberger (2002) explica que ninguém gosta de fazer coisas quando se depara com muita dificuldade, é a lei do menor esforço, sendo assim, o melhor a se fazer é recorrer a outro tipo de passatempo ou no caso aqui retratado, uma leitura mais agradável, mais sutil uma linguagem de fácil acesso e entendimento ao leitor.

Quando a pessoa sabe ler bem não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no espaço cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesma e aos outros. Um bom leitor não somente encontra maior prazer nos livros, mas também pode pensar e aprender melhor. (...) O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através de influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públicas (BAMBERGER, 2002, p.29-30).

Dessa forma, para o autor a importância da leitura não está somente em um ambiente específico, mas em vários seguimentos que induz o leitor a entender de fato a alma humana, e o meio em que vive e que está inserido.

Para Cerrillo (2006, pp. 40-43) “não nascemos leitores, nem tão pouco não leitores. Fazemo-nos leitores ou não leitores, em função das experiências motivadoras ou das experiências desmotivadoras que vivemos ao longo da nossa vida”. Para ele o que importa é a experiência com a leitura.

Rezende (2009, p. 21) acredita na importância do professor, e ressalta que “(...) o professor deve ser o impulsionador da leitura, criando em sala de aula condições para os alunos lerem e serem valorizados pelo que leem”. A insistência e a perseverança do educador e toda a sua dedicação em se comprometer de fato com o que o aluno está ou não lendo é um dos fatores para o incentivo, a obrigação não é vista pelo aluno, e sim a diversão contida nas páginas lidas. O professor é o mediador, é o caminho para apresentar ao aluno os diversos livros e leituras a serem desvendadas.

Conforme dizem Araújo e Carvalho (2014) “a grande questão não é “obrigar” os jovens a ler literatura culta, mas permitir-lhes o acesso às diversas leituras, para que possam voluntariamente se deixar levar pelo campo literário”.

Esse incentivo pode ser que se inicie com o professor em sala de aula, apresentar aos discentes as possíveis leituras presentes em seu cotidiano, e como esses textos vão contribuir para a formação de seus alunos. A caminhada dentro da sala de aula em relação à prática da leitura literária se dá pela certeza do professor em entender a relevância que a mesma propicia para o desenvolvimento independente do aluno.

Uma das primeiras perguntas que o docente deve fazer a si mesmo é: "Por que trabalhar leitura literária na escola?". É o que sugere Olivier Dezutter, professor e pesquisador da Universidade de Sherbrooke, no Canadá. De acordo com ele, não existe somente uma resposta correta para essa questão, já que os objetivos dessa prática podem ser diversos: ampliar o vocabulário, desenvolver o hábito da leitura, aprender a ter prazer com a atividade, explorar uma temática específica, pesquisar e reunir informações sobre determinado assunto, conhecer o patrimônio cultural de um país, estudar questões linguísticas, entender o estilo de determinado autor, entre outros. O educador ainda pode se valer da fama desses títulos mais populares entre os adolescentes para abrir um canal de comunicação com eles e criar um ambiente em que se valorize o hábito da leitura. (Vichessi, 2005).

Denota-se então, que o gosto pela leitura e o acesso a diversos tipos de textos, todos com sua especialidade, a escola pode sim ser o componente para encontrar os subsídios para a leitura, cabe ao indivíduo identificar qual campo literário prefere transitar, e quais tipos e gêneros textuais mais lhe agradam na hora da prática da leitura, e ao professor observar como o aluno explora esse sentimento de satisfação, apresentando a eles todos os tipos de literaturas e quais suas finalidades, além de mostrar as eles quais livros e tipos de literaturas estão presentes na escola.

O que os PCNs falam sobre a Literatura na escola

A leitura autônoma envolve a oportunidade de o aluno poder ler, de preferência silenciosamente, textos para os quais já tenha desenvolvido uma certa proficiência. Vivenciando situações de leitura com crescente independência da mediação do professor, o aluno aumenta a confiança que tem em si como leitor, encorajando-se para aceitar desafios mais complexos. (...) Neste caso, o objetivo explícito é a leitura em si, é a criação de oportunidades para a constituição de padrões de gosto pessoal. Nessas atividades de leitura, pode-se, temporariamente, eleger um gênero específico, um determinado autor ou um tema de interesse. A partir daí, os alunos escolhem o que desejam ler, tomam emprestado o livro (do acervo de classe ou da biblioteca da escola) para ler em casa e, no dia combinado, parte deles relata suas impressões, comenta o que gostou ou não, o que pensou, sugere outros títulos do mesmo autor, tema ou tipo. (BRASIL 1998, p. 73-74).

De fato fica evidente que o leitor precisa e tem o dever de ter autonomia nas escolhas de suas leituras, lendo aquilo que realmente o agrada, sem medo de condenações. Através das orientações dos PCNs (1998) a escola é um espaço de descobertas, e é nesse ambiente que o aluno tem que ter contato com tudo, com as experiências de novas e de desconhecidas palavras, ou até mesmo se identificar com a história ou a personagem que é contada, explorar caminhos e desafios no âmbito da leitura autônoma, dirigida, indicada e compartilhada.

Neste aspecto pode-se compreender o espaço que a literatura de massa, ocupa na vida dos alunos, pois, o que Pereira e Lima, (2010) afirmam em relação aos *best-sellers* é que:

Existem livros que carregam consigo o mérito de ser a porta de entrada para o universo da leitura e da viagem aprofundada pela literatura. Ainda que a obra não seja um grande clássico nacional ou mundial, um livro aparentemente desprezioso pode se tornar o primeiro degrau a ser escalado para a formação de um leitor ávido. (PEREIRA e LIMA, 2010, p.2).

Entram aí os *best-sellers*, ou uma leitura que agrada ou que de fato estreita o caminho para se chegar a um clássico, por exemplo, da literatura, e que ali os leitores fiquem, perdure a leitura, e não se percam.

Ressalta-se ainda, a importância que os *best-sellers* provocam na caminhada do leitor, ou seja, o entusiasmo pela leitura. Diante disso os livros de literatura de massa são um meio a se pensar para intensificar ou iniciar o hábito da leitura literária na sala de aula entre os educandos, e posteriormente se chegar a ter como hábito a leitura dos clássicos da literatura. Por isso, não pode ser desconsiderada ou depreciada.

Mafra (2001) constata em suas pesquisas sobre como trabalhar a literatura de massa em sala de aula, que a concepção dos professores das escolas pesquisadas referente o processo de leitura em sala de aula, destacam-se que os jovens detestam as aulas de literatura, e que esses estudos serviram para destruir alguns preconceitos quando o assunto é se os jovens estão ou não lendo literatura, cabe ao corpo docente identificar o que eles estão lendo, e se essa leitura pode ou não server para agregar valor na sala de aula. Para Mafra (2001) o espaço permitido para a leitura na maioria das vezes se restringe nas aulas de Língua Portuguesa e esses momentos se tornam mecânicos, pois o professor precisa estabelecer essa mediação entre obra e aluno, leitura e reflexão.

Com isso Mafra (2001) reluta em atribuir um novo olhar para as aulas de literatura em sala de aula, usando todos os artifícios possíveis para desenvolver a leitura literária, um desses critérios de absorção dessa prática é a literatura de massa, que proporciona uma leitura mais aconchegante, sem aquele senso de obrigatoriedade, o discente precisa ler por prazer, e não por se sentir obrigado, dado isso não se pretende encontrar uma fórmula de contextualização em como se trabalhar a literatura de massa em sala de aula, apenas evidenciar que ela está presente na vida dos educandos, e que deve ser explorada para melhor desenvolver a prática e o ensino da literatura no ambiente escolar.

3 LITERATURA NA ESCOLA: A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR NA INDICAÇÃO DAS LEITURAS

“O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria”.

(Mario Quintana)

Como aponta Mario Quintana, a leitura que cativa a autonomia do indivíduo e permite que este ande por outros caminhos sozinho, é um pensamento antigo, sobretudo no contexto da aprendizagem escolar. A literatura tem um importante papel neste processo.

Segundo as orientações dos PCNs (1998) é por meio da literatura que o educando consegue suprir algumas de suas necessidades, sendo permitido a ele conhecer o mundo a sua volta, construir um pensamento crítico e ter autonomia nas suas escolhas de leitura. O professor é o caminho para que o aluno possa encontrar os livros, estabelecer esse contato com a leitura literária, e entender de fato qual o gosto de cada aluno. Conhecê-los é o primeiro passo para então indicar ou mostrar-lhes histórias que os incentivam ao início da caminhada de leitor.

Porém permanecem intrigantes perguntas, como, para que serve a literatura na escola? Qual a finalidade das aulas de literatura? O professor pode facilitar as respostas para essas perguntas fundamentais. A escola e o professor são a ponte entre o conhecimento e o indivíduo fazendo essa conexão aonde os livros não chegam.

A literatura não se desvincula da leitura, deste modo, para conhecer gêneros e textos literários é preciso ler.

Muitos estudos apontam que o nível de leitura dos jovens, em grande parte das escolas de educação básica, é insatisfatório, revelando, ainda, grande desinteresse pela leitura, precária produção escrita e dificuldade de pensar criticamente. Nove anos de ensino fundamental e três anos de ensino médio não têm proporcionado aos jovens estudantes a competência necessária para serem considerados leitores literários, como pode ser comprovado nos exames vestibulares, em que a média das provas de literatura tem sido bem

inferior àquela que se esperava atingir. Estudos demonstram que muitos dos professores da educação básica – inclusive os de literatura – não possuem o hábito de leitura e leem muito pouco. Reconhece-se a pouca leitura literária dos cidadãos brasileiros, de maneira geral. (TAVELA 2010, p. 2).

Neste sentido não entra em questão apenas a leitura do aluno, mas a prática que o professor faz dela. Como pode o professor exigir leitura se este não lê, ao menos tenta conhecer o que os alunos estão lendo. Tampouco, como é possível que o professor indique leituras literárias se não tem o conhecimento livros e autores contemporâneos, que estão presentes no universo juvenil. Assim, torna-se importante que o professor conheça ou se interesse pela leitura de obras literárias para que possa incentivar positivamente seus alunos.

Tavela (2010) considera que os anos na escola não são suficientes, para um nível de leitura excelente, em seus estudos fala sobre os índices de leitura na Brasil e programas que fazem essas pesquisas. Ainda ressalta a possível utilização da literatura de massa na formação do leitor literário.

Por isso a importância do professor conhecer os livros da contemporaneidade, e o que os adolescentes gostam de ler, para fomentar a prática da leitura em sala de aula. Neste contexto, podem-se considerar duas questões: fomentar a leitura de literatura considerada clássica – aquela que é representada pelos cânones e geralmente cai em vestibulares, ou a literatura de massa – aquela vinculada nos meios de comunicação em massa, sem ter certa preocupação com estética clássica e sim com uma linguagem acessível e propicia a se permear no universo adolescente.

Apesar de que a orientação dos profissionais de Letras em indicar e trabalhar em suas aulas os clássicos literários é de suma importância e precisa sim ser trabalhado, conforme Jobim (1994, p. 69) que corrobora mais adiante em seus estudos sobre a formação acadêmica dos profissionais de letras e diz “a própria configuração do curso de Letras – a concepção de seu currículo, a sua compartimentalização em disciplinas – é fruto de um processo cujas normas nem sempre são visíveis para os professores e alunos”.

Sendo que na escola a prática é totalmente diferenciada, o profissional de Letras não deve aplicar uma didática referente às aulas de literatura, como aprendeu

na academia, de forma sistematizada e científica, mas de forma que o educando entenda e faça um bom proveito dos textos literários.

Consequente Souza afirma que:

Muitos estudos e pesquisas têm evidenciado a importância das atividades literárias diferenciadas no contexto educacional para o bom desempenho da criança. A utilização da literatura como recurso pedagógico pode ser enriquecida e potencializada pela qualidade das intervenções do educador. Assim, o educador preocupado com a formação do gosto pela leitura deve reservar espaços em que proponha atividades novas sem o compromisso de impor leituras e avaliar o educando. Trata-se de operacionalizar espaços na escola e na sala de aula onde a leitura por fruição-prazer possa ser vivenciada pelas crianças e jovens. (SOUZA, 2004 p. 222-223)

Atividades que prendam a atenção dos alunos e que os deixem próximos dos livros, além de Tavela (2010), Souza (2004) também salienta sobre as pesquisas brasileiras que mostram o desempenho da leitura, em que o Brasil atinge índices insatisfatórios de leitura, por isso Souza (2004) considera que, atividades diferenciadas podem vir a mudar esses números negativos e propõe que essas atividades sejam voltadas para professor – aluno, livro – aluno – professor – sala de aula, é um conjunto que não podem andar separados no ensino de literatura dentro ou fora da sala de aula, e não somente dentro de um circuito único e explorado apenas por especialistas da área, a leitura literária precisa ser convidativa, voluntária e não vista como obrigação para se alcançar algo.

O professor André Augusto Gazola é formado em Letras, professor de Literatura e História da Arte, pós-graduado em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura e fundador do blog Lendo.org. Gazola dá algumas dicas e métodos para melhorar o ensino da literatura em sala de aula denomina como atitudes ativas, suas orientações didáticas são voltadas para a ativação do hábito da leitura nos discentes.

O primeiro passo que Gazola (2013) expõe é para, na sala de aula reservar um lugar (ou vários) para colocar livros, em seguida sugere vários métodos como, o professor como exemplo de leitor, apresentar textos de interesse dos alunos e destacar a utilidade da literatura, organizar atividades a partir da leitura e fazer relações internas e externas, leitura em voz alta, jogo de incorporação à leitura, feira de leitura, leitura dramatizada, leitura musical, brincar com personagens, linguagem teatral. Entre tantos outros meios de aproximar o aluno do livro.

Nesse contexto Mafra (2013) em seu livro *Leituras a Revelia na Escola* só vem ressaltar o que normalmente acontece na escola, quando se usa o termo literatura, existe uma associação imediata, às obras que marcaram uma sociedade ou um período literário, reconhecidas pela crítica especializada, os chamados clássicos, cânones da Literatura. No entanto, para o autor “somos levados a reproduzir conceitos herdados de uma tradição escolar legitimadora deste discurso tradicional”, ou seja, o professor (...) “herdeiro de uma visão clássica de literatura, é prisioneiro hoje de um anacronismo⁴ que o distancia do aluno”. (MAFRA 2013, p. 23).

O que importa para ele é a prática da leitura, independente do que se leem - clássicos ou não clássicos. Dito isso, existe uma leitura que entra na vida dos adolescentes e crianças fora dos muros da escola, a tão polêmica e notabilizada pela crítica tradicional, a chamada Literatura de Massa, literatura essa que segundo Cortina, (1982, p. 5 – 6) “não tem o mesmo respaldo, sendo produzida com vistas ao jogo econômico”, sendo “(...) apenas uma etapa na preparação do leitor para capacitá-lo posteriormente a uma leitura qualitativa”. Por isso que para ele, precisa-se entender essa linguagem literária.

A princípio não é a leitura do cânone, com uma linguagem às vezes muito rebuscada e difícil de ser compreendida, que vai ganhar um leitor predominantemente nas extremidades das classes sociais, o objetivo geral da escola não é formar apenas, alunos superdotados, futuros cientistas e pensadores sistematizados. De início o papel da escola é apenas integrar, apresentar o conhecimento a todos, incluir através da aprendizagem, apontar caminhos possíveis para então se chegar a um lugar de destaque, os pressupostos se dão através do desenvolvimento cognitivo de cada educando.

Porém esse processo é construído ao longo da vida escolar, conhecer um livro já o bastante, não importa qual seja, ser ou não um clássico, seja Drumond, seja Poe, seja Camões, nesse período o educando nem sabe a diferença dos textos (caso que não se obriga a ele ainda saber) “são leituras que normalmente os estudantes fazem apenas na sala de aula. A exigência de tais leituras na escola

⁴ s.m. Falta contra a cronologia; erro nas datas dos acontecimentos. Erro que consiste em atribuir os costumes de uma época a outra. Coisa retrógrada: o duelo é um anacronismo.

contribui para a formação dos estudantes. Fora da sala de aula, costuma escolher outros textos, menos complexos” (LOURENÇO, 2012 p. 70).

Lourenço (2012) em seus estudos desde 2009, fala dos jovens brasileiros leitores dessa literatura. Assim, que diferença faz o professor impor a leitura dos clássicos, somente para vangloriar-se de que seus alunos são leitores de textos seletos, a preocupação maior é se o professor ao indicar os clássicos saberá ao menos explicar quem é, e qual a importância desses autores no cenário literário.

Para Santos (2006) A literatura de massa precisou se enquadrar para o consumo, o lucro. Pois, que autor escreve seus livros para ficarem empoeirados em uma estante? E segundo ele era isso que estava acontecendo, com quem escrevia uma alta literatura no cenário capitalista, por isso ele explica que essas obras:

Com teor romântico, o material era lido pela classe alta, e, em menor proporção, pela classe média, à procura de entretenimento. Quanto maior e mais diversificado o público leitor, mais complicado agradá-lo. O escritor, por fim, sucumbe às necessidades de obedecer às normas socialmente aceitas que facilitem o consumo. Ele escreve o que o leitor quer ler. Entre as temáticas que mais agradam aos consumidores, percebe-se a constância de crime, amor, sexo e aventura. Tem-se, igualmente, a presença inconfundível do herói. É uma forma de o leitor projetar-se na intriga, ensejando o desejo de potência, espelhado no protagonista, de escapar a leis do cotidiano repetitivo e monótono. (SANTOS 2006, p.8-9)

Isso será prova de que não existem leituras de qualidades de valores significativos, somente por conter esses adjetivos em sua composição estética de escrita?

Assim Lorenço (2012) destaca:

Essa reflexão é importante para ressaltarmos que os cânones e os best-sellers deveriam ser abordados de formas diferentes, pois esses dois tipos de literatura são diferentemente produzidas, consumidas, e também divulgadas. A literatura de massa depende de propagandas e da própria exposição da obra. O interesse do leitor pelo livro começa pela capa, pelo título da obra, pelas imagens instigantes, e pelo resumo ou pelas críticas positivas feitas por personalidades importantes. O envolvimento do leitor é mantido por meio das coleções. Além disso, essas narrativas não exigem muito do leitor, não há preocupação com a forma ou a linguagem, o que está em foco é o conteúdo, a fábula simples, a evocação de emoções no leitor. (LOURENÇO, 2012, p. 72)

Lourenço (2012) fala exatamente dessa linha divisória entre o cânone e o *best-seller*, evidencia claramente a divisão existente na Literatura. E por fim Lani (2010) reafirma:

Existe uma dialética na literatura. Alguns críticos a dividem como: Literatura Culta, que geralmente são as obras reconhecidas pelos críticos, academias e estudantes de letras e a Literatura de Massa que é considerada, muitas vezes, uma sublitteratura ou literatura marginal, pois está fora do circuito hermético da academia e da crítica. (LANI 2010 p.6)

É interessante para o professor observar essa divisão e então explica-la aos seus alunos, além de observar o que irá influenciar na caminhada literária de cada educando, e de que maneira os livros vão sendo introduzidos no seu dia a dia, acompanhando sua realidade. O professor pode buscar qual obra será aceita pelos alunos, e trabalhar de maneira dinâmica todos os tipos de literatura.

3.1 ENTRE A INDICAÇÃO E A PROIBIÇÃO: O PAPEL DO PROFESSOR NA ORIENTAÇÃO

Pode-se dizer que o indivíduo gosta somente daquilo que entende na leitura, se o mesmo não conhece algo, difícil saber se haverá prazer em desbravar o desconhecido nas pautas brancas de uma página, ainda mais quando o educando não sabe discernir o que o autor escreveu nas entrelinhas. De novo entra a figura primordial do incentivo da leitura, se o jovem estudante não tem esse costume em casa, é na escola que ele receberá esse suporte, entre a indicação e a proibição de leituras literárias existe um elo de fortalecimento, que está entre o gosto, a curiosidade e a confiança em pedir uma opinião ao professor.

Para Mafra (2013) cabe a esse mediador facilitar essa escolha ou frustrar o aluno na primeira indicação de livros a serem lidos, sabe-se que no ensino fundamental se apresenta a literatura infanto-juvenil, no ensino médio, oferece os clássicos, isto quando oferecem, em algumas escolas não se oferece nada. Conforme Mafra (2013) retrata em seu livro evidenciando pontos de sua pesquisa feita em 1996 com adolescentes e jovens de determinadas escolas, sobre o conhecimento dos mesmos sobre os livros clássicos a leitura literária cobrada dentro da escola, veja as opiniões são diversas e sempre de rejeição:

– Eu olhei, mas não comecei a ler “Memórias póstumas de Brás Cubas”. Eu notei que era do mesmo autor de “Dom Casmurro” e pulei fora. (Aluna F., 16 anos) – “Escrava Isaura”, “Triste fim de Policarpo Quaresma”, “O Alienista”[...] nossa! Não é uma coisa que te motiva, uma história muito parada, não tem mudança. (Aluno R., 15 anos). (...)– São os belíssimos livros. (Aluna E., 17 anos) – Os livros mais chatos que já ouvi falar. (Aluno R., 15 anos) – Eu acho que são os romances franceses etc. (Aluna F., 16 anos) – Livro que faz muito sucesso, livro de ouro. Eu tirei isso porque a gente tá fazendo uma matéria: “Época de Ouro” – época de muito sucesso da música. Então [...] (Aluna N., 15 anos)⁵. (MAFRA 2013, p.50 - 51)

Segundo Mafra (2013) se de início o professor já indicar ao seu jovem aluno um livro de vocabulário rebuscado e linguagem inacessível ao seu grau de visão de mundo, nota-se que a decepção será evidente, não menosprezando a carga de importância contida nessas obras, mas como de fato elas precisam ser introduzidas no cotidiano do educando. Santos (2013 p. 258) destaca que “muitas pessoas foram ensinadas, provavelmente e principalmente na escola, que algumas obras são importantes para sua formação pessoal, e são. No entanto, isso não significa que essas sejam as únicas obras dignas de serem lidas”. Assim, essa leitura deveria ser trabalhada aos poucos e de forma didática.

Acredita-se que a leitura prazerosa e envolvente está contida na linguagem simples e de fácil entendimento, contidas nas páginas dos livros de literatura de massa que oferecem ao jovem o que ele conhece e o que ele de fato quer conhecer, a fuga da realidade, a fantasia, o romance, a paixão, os heróis e os mocinhos modernos, com características tão inerentes ao leitor, o que faz com que o mesmo se identifique imensamente e se tornem parte da história.

Portanto, não é apenas ler por ler, cada leitura tem seu público alvo, de novo se reforça a importância do professor conhecer os livros para indicar ao seu aluno, o livro adequado respeitando sua faixa etária. Como corrobora Elpes (ET AL, 2009, p. 77). “os jovens são leitores de uma literatura “mais comercial”, indicada pelos meios de comunicação, sobretudo jornais e revistas, nas listas dos “mais vendidos”, por apresentarem ingredientes que agradam aos jovens: ação, aventura, suspense, romance”.

Rocha (2014) considera que, é possível que os professores por não terem lido nada, ou não serem de fato leitores de diversas literaturas, não conseguem

⁵ Trechos de entrevistas feitas com alunos do 1º ano do ensino médio de escola pública no Estado de Minas Gerais. (MAFRA, 1996, p. 101-102)

inferir seu posicionamento sobre o que deve ou não ser trabalhado em sala de aula, é importante a escola mesclar essa escolha literária dos educandos com o que eles estão acostumados a terem contato em casa, e se não tem propiciar esse contato.

Rocha afirma:

Alguns discursos são comumente reproduzidos pelos professores de literatura. Entre eles, a crítica ferrenha à cultura de massa. Muitas vezes, não se tem conhecimento das obras crucificadas, mas seria um absurdo perder tempo lendo-as, já que muitas pessoas foram cativadas e falam sobre elas. Se a grande maioria gosta e consome esses produtos, boa coisa não deve ser... Percebe-se, assim, que a problemática não está na falta de leitura, mas nas opções feitas pelo aluno que diferem daquilo que as instituições e os docentes esperam. O grande incômodo passa a ser o que nossos alunos leem e por quem eles têm trocado autores 'sacralizados' como Machado de Assis e Guimarães Rosa. (ROCHA 2014, p. 7)

Com isso o posicionamento de Rocha (2014) é claro, a relação de uma boa leitura não está apenas no *status* da obra e sim no seu envolvimento imaginário que esta causa no leitor.

3.2 LITERATURA DE MASSA NO CONTEXTO ESCOLAR: ESCOLHA E GOSTO

“Seja qual for a matéria de que as nossas almas são feitas, a minha e a dele são iguais”.

(Emily Brontë)

A identificação, torna o apreço, no contexto da leitura e literatura, a identificação do leitor com o que está lendo é importante. Assim, seja qual for o estilo literário, cada leitor deve se identificar com algum tipo que passa a apreciar.

Percebe-se na escola que alguns estudantes não partilham do gosto pela leitura e menor ainda em relação à leitura literária. Para compreender esta problemática, seria preciso aprofundar-se em pesquisas sociais e históricas que permeiam o desinteresse por ler não só no contexto educacional, mas social, porém não é a proposta foco em questão. Mas a suspeita e indícios de que há certo desinteresse pela literatura mesmo no ambiente escolar é o viés de discussão no âmbito literário proposto e o campo da literatura de massa neste aspecto.

Uma possível explicação que Gazola (2013) retrata em suas falas sobre o desinteresse pela leitura literária é que a falta de reciprocidade com a leitura literária pode ser entendida pela postura do professor ao ministrar aulas de literaturas, e mais ainda conseguir com que os educandos entendam as diferentes literaturas presentes nos livros da biblioteca, como já comentado anteriormente.

Segundo Silva (2004) nota-se a evidência do estilo de escrever na Literatura de massa, a originalidade contida nos textos e na trama a ser apresentada ao público são componentes importantes na qualidade literária. O caráter inovador é sem dúvida compreendido como um valor estético que não irá permanecer restrito apenas a uma minoria, não basta ser um novo valor pertencente à sociedade, mas sim precisa ser aceito por ela.

Pode-se assegurar que grande parte dessa narrativa contemporiza-se para os meios de comunicação da indústria cultural. Com o avanço da revolução tecnológica é notável uma maior divulgação dos romances atingindo um público considerável, por meio do rádio, cinema, televisão, etc. E o formidável é que seus conteúdos continuam repetitivos, com seus mitos e informações adaptados para a presente realidade. Contudo, afirma Silva (2004, p.21) que “na literatura culta esta transferência do livro para outro ambiente é um pouco mais complicada, corre-se o risco de ser alterada a natureza da sua originalidade”.

Na era da informação, da tecnologia e dos meios de comunicação em massa fica difícil o aluno manter contato com os impressos, a leitura no papel, ainda mais se a leitura for maçante e obrigatória. O aluno precisa da autonomia da escolha, ler aquilo que gosta e que de fato chama-lhe a atenção, como diz Cortina (2005, p. 3) “a leitura difícil é um anátema⁶, desestabiliza e causa inquietude; a leitura fácil dá conforto e estabilidade àquele que se apropria do texto”. Ressalta-se que, os adolescentes em sua maioria certamente gostam da leitura fácil e dinâmica.

Para melhor esclarecer esse fim, sobre a escolha dos alunos Mafra (2013) apresenta:

⁶adj (gr anáthema) Anatematizado, amaldiçoado. sm 1 Rel Catól Excomunhão.2 Condenação. 3 Execração, maldição, opróbrio. 4 Reprovação enérgica, repreensão solene.
Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=an%E1tema>>

A escola, contudo, não tem marcado encontro com esse mundo. Tem se pensado, isto sim, redentora dele, mas, na pretensa superioridade “daquele que guia”, não se vê dando a sua contribuição no desvelamento e interpretação mais crítica das diferentes formas de linguagem com as quais o jovem mantém contato nos dias de hoje. Enfim, não tem auxiliado numa releitura menos trôpega do mundo com o adolescente. Não tem permitido ao jovem trafegar pelo caos de um mundo fragmentado e relativizado, na busca de uma síntese própria, ainda que não definitiva. Vê-se assim dificultada a formação de sujeitos mais críticos e, conseqüentemente, do sujeito-leitor. Neste cenário, a literatura mais elaborada, representada pelos clássicos e por autores contemporâneos de reconhecida competência pela crítica especializada, é estranha aos alunos adolescentes: ora são inovadoras e radicais desconstruções de estilos tradicionais, ainda herméticas demais para alguém não sintonizado com novas formas de linguagem; ou se apresentam como representação de uma época passada, encasteladas nos famigerados períodos literários, com vocabulários e contextos históricos vistos como anacrônicos e também ultrapassados. Em ambos os casos, a tônica é a rejeição. (MAFRA 2013, p.49 - 50)

É evidente a linha divisória de pensamentos e teorias de diferentes estudiosos sobre literatura, enquanto muitos defendem a inserção da literatura de massa de um modo a iniciar a caminhada literária do jovem leitor, outros trazem teorias tradicionais, e os mesmos são contrários aos veículos de informação em massa, pois muitos críticos literários relutam em afirmar que essa literatura não abrange consistência sólida de aperfeiçoamento do conhecimento estilístico e sistematizado, para ter de fato uma interpretação de mundo conscientizada quando se trata dos termos da literatura culta.

Cortina (2005) explica as diferenças entre uma literatura produzida para o consumo e a literatura clássica:

A técnica, na indústria cultural, é congênere à técnica nas obras de arte. Ao passo que a técnica da obra de arte se realiza em função da organização interna do próprio objeto, a técnica mercadológica assenta na reprodução e na distribuição mecânica, sendo, pois, externa ao texto. (...) Não é, portanto, a qualidade individual e efetiva de um objeto; é, antes, um valor inconsciente, social e generalizado. Já o valor efetivo só pode ser estabelecido por critérios de análise que serão mais objetivos. (...) Trazendo para o universo de interesse deste trabalho — o livro —, arriscaria dizer que o leitor comum apropria-se de seu conteúdo como que adquire um produto. E esse produto não pode lhe apresentar resistência, pois senão causa o efeito contrário da aproximação. (CORTINA, 2005 p.3 – 5)

Dito isso Cortina (2005) diz que muitos estudiosos pregam a demonização da Literatura de Massa, enquanto outros a defendem como bom veículo de leitura.

Isso Mafra, (2013, p. 53) deixa bem definido diante de seus estudos “os limites que separam a literatura clássica da literatura de massa são bem mais fluidos

do que se poderia imaginar”. Nota-se que as dialéticas presentes no circuito hermético da crítica literária são expansivos e paralelos e pressupõe um cuidado imenso ao se falar de maneira estereotipada do que venha a ser leitura de qualidade ou não, um leitor não é só um leitor, ele é aquilo que o livro o define.

4 O ENSINO DA LITERATURA NA ESCOLA: UMA PESQUISA REALIZADA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE JUÍNA

Tendo em vista as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação (PCNs) o ensino da Literatura no Ensino Fundamental fica praticamente nulo e não aparece em grande proporção ao se comparar com o Ensino Médio, cabe ao professor entender que ele pode ser o propulsor dessa vontade e dedicação do aluno no âmbito da leitura literária.

Por isso a preocupação em averiguar se a literatura de massa está presente no cotidiano dos alunos, e se faz diferença na realidade das escolas brasileiras em relação ao desinteresse pela leitura, ainda mais leitura literária.

O que os alunos entendem sobre Literatura, textos literários, leitura literária, e os tipos diferentes de literaturas presentes nos livros, são temáticas importantes a serem levadas em consideração, assim sendo, a execução de uma pesquisa se fez necessário para se chegar a uma possível resposta.

A pesquisa ocorreu em uma escola Estadual do Município de Juína- MT, com uma turma de (9º ano) do Ensino fundamental II, na disciplina de Língua Portuguesa, com a aplicação de um questionário composto de 3 questões abertas para os alunos e duas questões objetivas para o professor.

O questionário foi aplicado em dois momentos: a proposta da pesquisa inicialmente seria de questionar alunos e um professor sobre literatura clássica e de massa, averiguando o que eles entenderiam sobre estas.

É importante ressaltar que este primeiro questionário (em anexo neste trabalho) foi aplicado nesse primeiro momento sem constar de nenhuma explicação anterior sobre o tema literatura clássica e de massa, nem sobre o porquê dessa pesquisa, apenas com as perguntas para serem respondidas pelo professor e pelos alunos, sendo 1 professor e 14 alunos. Pretendeu-se investigar a priori o conhecimento prévio do que eles sabiam sobre literatura no decorrer dos anos de estudo, ou seja, a bagagem de conhecimentos que eles conseguiram adquirir durante a caminhada estudantil, esse era o objetivo das questões levantadas.

Ao entregar-lhes o questionário apareceram diversas dúvidas e questionamentos, mas decidiu-se por não responder aos questionamentos neste

primeiro momento, pois considerou-se que o esclarecimento sobre o assunto interferiria nas respostas modificando o verdadeiro objetivo da aplicação do questionário. Assim, inicialmente não se atribuiu aos educandos nenhuma explicação, apenas que os mesmos deveriam responder às questões conforme o entendimento individual e empírico sobre o tema literatura proposto pelas perguntas no questionário. Estas questões estão relacionadas a algumas suspeitas, e referiram-se a como as aulas eram trabalhadas em sala de aula, se eles de fato gostavam das aulas e se teriam conhecimento da diferença entre Literatura Clássica e Literatura de Massa.

Analisando as respostas através do questionário aplicado, viu-se uma nova possibilidade de refazer as últimas perguntas, pelo fato de alguns alunos identificarem sem nenhum tipo de explicação do assunto alguns livros pertencentes a literatura de massa, e a falta de conhecimento de todos os alunos participantes da pesquisa sobre o que era, e quais eram os livros pertencentes a literatura clássica, assim, a pesquisa se constituiu em dois momentos contendo a reformulação do questionário inicial.

4.1 FASE 1 DA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES DE COMO É TRABALHADA A LITERATURA EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS DO PROFESSOR.

Nesse primeiro momento o questionário designado ao professor (representado pela letra “A”) contém as seguintes perguntas: Como são trabalhadas as aulas de Literatura no Ensino Fundamental?

Percebe-se com a resposta do professor A que o ensino da literatura em sala de aula existe, observe: *“É trabalhada de forma concomitante a disciplina de língua portuguesa área de linguagem, não se tem como disciplina a parte. Como é uma carga horária reduzida não se dá um destaque aos conteúdos com aulas semanais, porém trabalha dentro da carga horária mensal”*.

Segunda pergunta: Como a Literatura de massa é trabalhada em suas aulas? Observe a resposta do professor A: *“Com uma carga horária reduzida é impossível trabalhar os livros em massa, trabalha-se no conjunto com o livro, didático, aulas de artes e língua portuguesa”*.

Na fala do professor A fica evidente a reprodução de que a literatura no Ensino Fundamental é trabalhada com pouca ênfase e de modo amplo, os PCNs esclarecem que a especificidade do texto literário se “constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética” (BRASIL, 1998 p. 26).

De fato, o conhecimento presente na fala do professor A, quando o assunto é literatura de massa, não fica claro, entende-se por ele que literatura “de” massa seria o mesmo que trabalhar a literatura “em” massa, em grande proporção, com ênfase dentro da sala de aula. E não a parte da escrita, da estética do texto, a estrutura e toda a representatividade dessas obras na vida dos adolescentes.

Neste sentido também observa-se a ressalva de que:

O texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis. Pensar sobre a literatura a partir dessa relativa autonomia ante outros modos de apreensão e interpretação do real corresponde a dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo, regido por jogos de aproximação e afastamento, em que as invenções da linguagem, a instauração de pontos de vista particulares, a expressão da subjetividade podem estar misturadas a citações do cotidiano, a referências indiciais e, mesmo, a procedimentos nacionalizantes. Nesse sentido, enraizando-se na imaginação e construindo novas hipóteses e metáforas explicativas, o texto literário é outra forma/fonte de produção/apreensão de conhecimento. (BRASIL, 1998 p. 26)

Com isso, através dessas orientações a forma de trabalhar a literatura em sala de aula proposta pelos PCNs no Ensino Fundamental é diferente da maneira que o professor aprende em sua formação acadêmica proporcionada pelo currículo dos cursos de Letras e no Ensino Médio ao aplicarem a disciplina de Literatura.

No Ensino Fundamental ainda não se faz necessário seguir o modelo enraizado e consistente, que é centrado nos períodos e escolas literárias. No Ensino Fundamental os textos literários são fragmentos do cotidiano dos alunos, com linguagens simples e um tanto reduzida para facilitar e desenvolver desde cedo o gosto pela leitura, por isso é fundamental que os professores de Língua Portuguesa

tenham em mãos e façam uso dos outros tipos de textos literários que agradam e que envolvem.

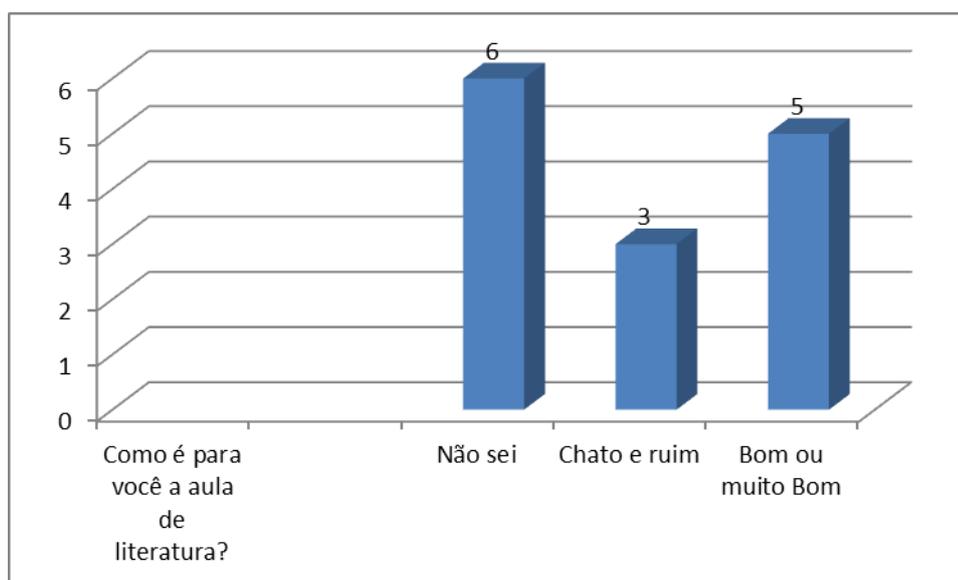
Porém, o contraste da resposta do professor A referente a pergunta da pesquisa deixa claro que os diferentes textos literários podem até estar inseridos na escola, mas a maneira de trabalhá-los em sala de aula não segue necessariamente o que propõe os PCNs, de forma que o interesse dos alunos não seja de todo despertado, fazendo com que muitas vezes os momentos de leitura se tornem, para alguns, chatos e totalmente desinteressantes.

4.2 PERSPECTIVA DOS ALUNOS: PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

O questionário aplicado aos catorze alunos do 9º ano composto também de 3 perguntas sendo a primeira pergunta aberta e as demais perguntas objetivas, visa compreender suas perspectivas e opiniões referente o ensino da Literatura em sala de aula. Primeira pergunta: Como é para você as aulas de Literatura? O gráfico 1 mostra as respostas dos alunos entrevistados, dos catorze alunos, seis não souberam responder como era para eles as aulas de literatura, três alunos responderam que as aulas eram “chatas” e “ruins” e as outras cinco, afirmaram que as aulas eram boas ou ótimas.

Uma sala de aula pequena pode não parecer, para o abrangente tema em questão nesta pesquisa, fazer diferença, mas a mudança que a leitura proporciona para cada indivíduo dentro da sala de aula é abundante e essencial para o desenvolvimento do leitor literário, Mafra (2013) diz que esse ambiente se torna gigantesco, o livro tem o poder de levar o aluno para fora do muro, ou das paredes da escola, sem ao menos o aluno sair de fora dela.

Gráfico 1 - questionário dos alunos



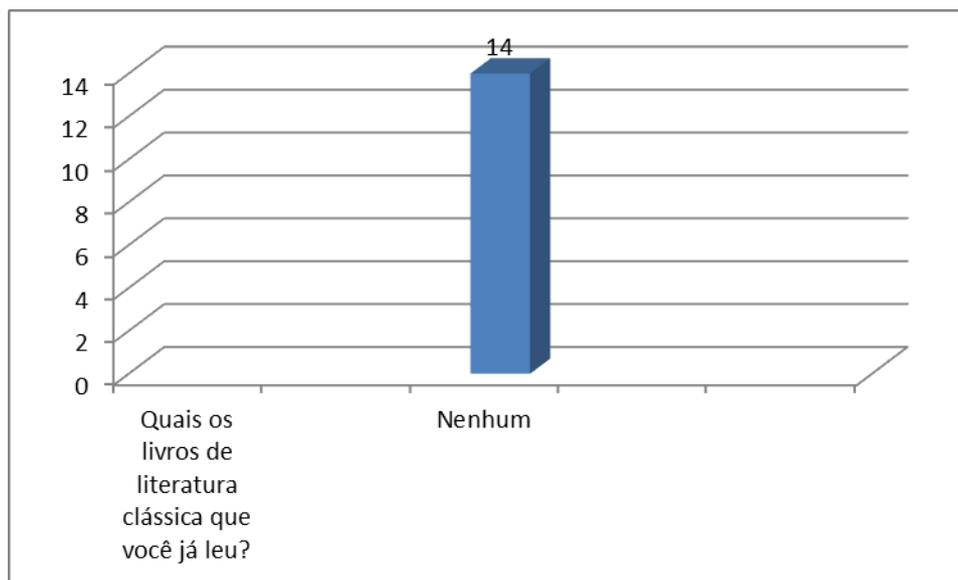
Fonte: criado pelo autor

Com a análise do gráfico 1 reforça-se a ideia inicial de que existe uma possibilidade de que o ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa, para os alunos ali questionados, consideram a aula de literatura em maior porcentagem “bom ou muito bom” do que “chato ou ruim”.

As próximas perguntas presentes no questionário realizado com esses alunos, específicos inferem sobre a quantidade de livros de literatura clássica e de literatura de massa que os alunos já leram em sua vida estudantil. Sobre a quantidade de livros clássicos lidos as respostas foram unânimes, todos os catorze educandos que responderam ao questionário, alegaram não terem lido livro nenhum, chegando a relatar que não sabiam o que era literatura clássica.

O gráfico 2 apresenta a segunda pergunta do questionário, aplicado aos alunos presentes em sala no dia da pesquisa, contendo as respostas da seguinte pergunta: Quantos livros de Literatura Clássica você já leu? Houveram vários questionamentos sobre o que eram esses livros, mas não foi dada nenhuma informação, apenas orientou-se que respondessem o que estava sendo perguntado conforme seu entendimento individual.

Gráfico 2 - Primeira fase da pesquisa



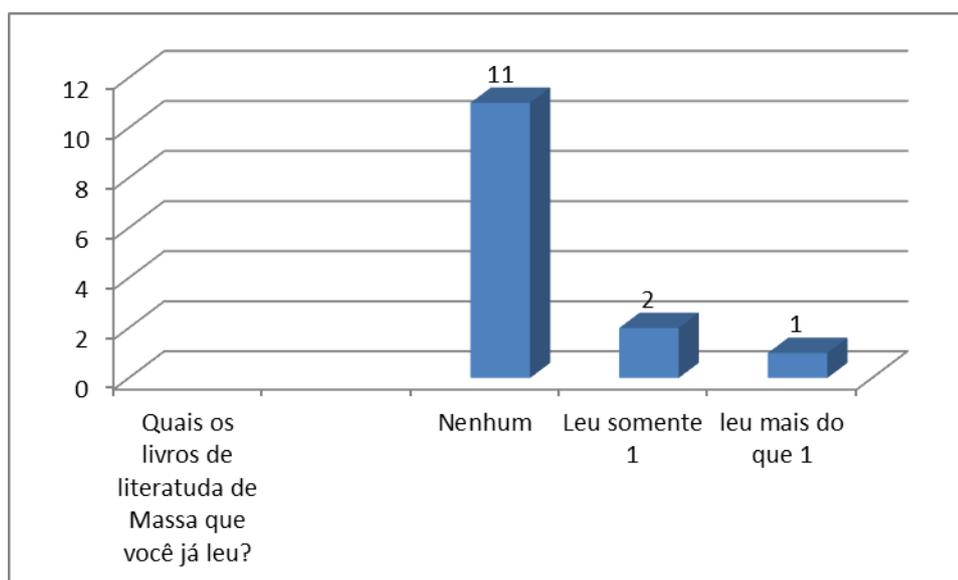
Fonte: elaborada pelo autor

A análise do gráfico 2 mostra que a resposta para a segunda pergunta, parece não caminhar de encontro com propostas educacionais e que o ensino de textos literários deve estar presentes segundo as orientações dos PCNs (1998) na matriz curricular do ensino público, e que no Artigo 26 da LDB (1996 p. 11) (Leis de diretrizes e Bases da Educação) inciso 2º “ O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural do aluno”. Ao que parece pelas respostas é que ou o contato com os livros clássicos é insuficiente a ponto de não permitir que os alunos os conheçam ou simplesmente eles não sabem identificar os livros clássicos por não haver uma explicação a cerca de literatura.

Ressalta-se que durante as aulas há atividades que contém fragmentos de textos clássicos presentes em qualquer livro didático, e também nas bibliotecas, e ainda assim não sabem reconhecer o que é literatura clássica, o que confere em uma unanimidade nas respostas.

Já o gráfico 3 em relação à leitura dos livros de literatura de massa, mostra que os alunos souberam pontuar livros dessa literatura e até alguns títulos de obras, mas não souberam especificar qual a diferença das literaturas clássica e de massa.

Gráfico 3 - Primeira fase da pesquisa: literatura de massa



Fonte: elaborado pelo autor

Três alunos disseram que leram um, ou mais de um, desses livros, identificando-os com seus respectivos nomes. Nota-se que no gráfico 3 alguns alunos souberam responder quais livros de literatura de massa já leram, por conseguinte esses alunos foram os mesmos que responderam a primeira pergunta com respostas positivas de que consideravam as aulas de literatura “bom, ou muito bom”, ou seja, os momentos de leitura de certo modo fazem alguma diferença nas aulas para esse educando. Pode-se perceber essa conciliação entre os alunos que levam em conta as aulas e os textos lidos na resposta dada pelo Aluno Y: Pergunta 1: “para mim É muito bom, assim aprendo mais e vejo muitas leituras intereçantes”. Pergunta 3: “Cidade de vidro, a Cabana e Cidade dos ossos”.

A partir do gráfico se vê a necessidade de um novo olhar referente à essa literatura, se quatro alunos souberam responder quais os livros de literatura de massa lidos, e na pergunta anterior nenhum aluno soube responder o que é literatura clássica, isto mostra um dado interessante, de que pelo menos alguns alunos já sabem identificar a literatura de massa em contrapartida a outras literaturas. Este resultado atesta que os alunos têm tido maior acesso aos livros de massa, por conhecerem estes livros, pela linguagem simples, e por sua maior divulgação e representatividade nos meios de comunicação, que aos clássicos que não souberam identificar.

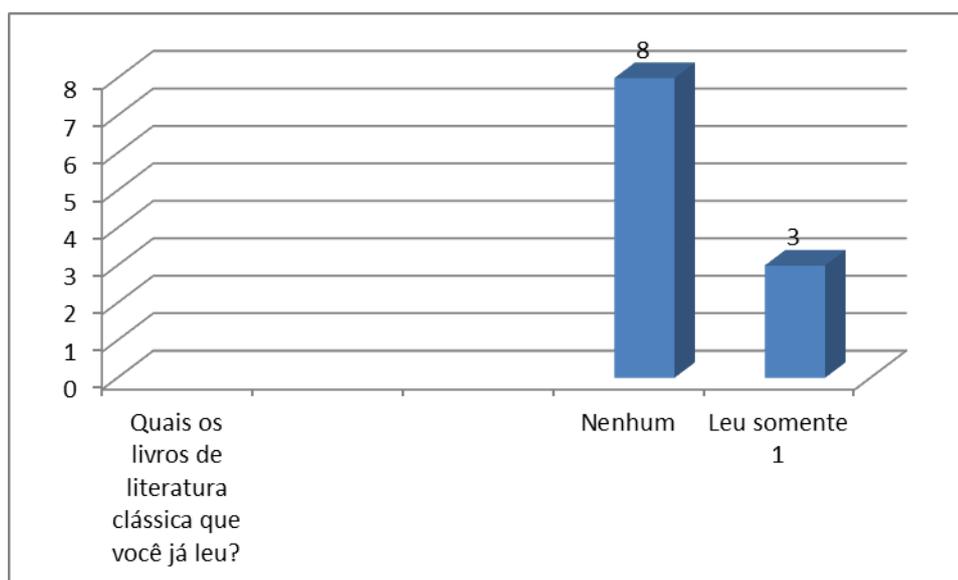
4.3 PERSPECTIVA DOS ALUNOS: SEGUNDO QUESTIONÁRIO

A partir dessas respostas, fez-se necessário aplicar outro questionário com as mesmas perguntas do gráfico 2 e 3 (e em anexo neste trabalho), porém agora, com uma explicação detalhada do assunto, sobre o que vem a ser literatura clássica e literatura de massa. Neste segundo momento 11 alunos responderam ao questionário.

Os livros usados para especificar e explicar os tipos de literatura fazem parte da biblioteca da escola, (pois assim, os educandos podem conhecer os livros que estão ao alcance de todos, e que esses livros não estão longe deles e sim mais perto que eles imaginam) livros clássicos e livros pertencentes à literatura de massa, fez-se uma explicação sobre a diferença de ambas, mostrando que de fato existem os dois tipos de leituras.

Desse modo ao conhecerem a diferença e a relação entre os tipos de livros, ao se aplicar novamente o questionário, nesse dia para apenas 11 alunos, nota-se que o número de discentes que alegaram não terem lido nenhum livro clássico continua em nível elevado, mas, houve diferença nas respostas, pois oito alunos responderam não terem lido nenhum livro clássico, e somente três responderam mais que um.

Gráfico 4 - Quantidade de livros clássicos lidos

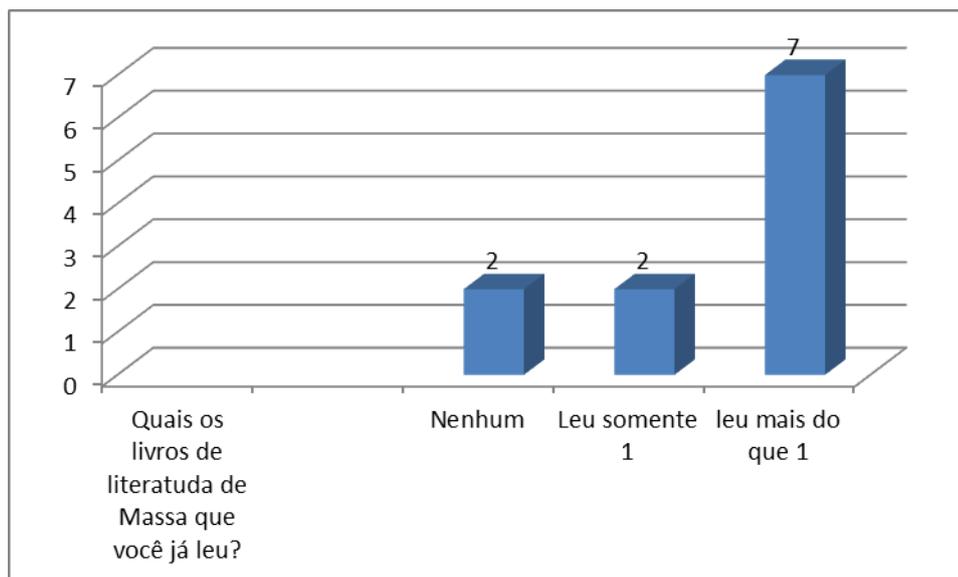


Fonte: criado pelo autor

Salienta-se que ainda é baixo o número de alunos, daquela sala pesquisada, que leram clássicos. No entanto, esta pesquisa é restrita e não se pode inferir de um resultado para afirmar que os alunos estão mais em contato com literatura de massa que literatura clássica.

Mas é interessante observar a diferença das respostas mesmo em uma pesquisa restrita, como no caso da próxima questão, em que os alunos responderam quais os livros de literatura de massa já leram, conforme demonstra o gráfico que segue, dois alunos responderam terem lido um livro, e sete alunos responderam terem lido mais que um livro da literatura de massa. Como se confere no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Livros da Literatura de Massa lidos



Fonte: criado pelo autor

Ressalta-se que em relação ao questionamento sobre literatura clássica em que apenas 3 dos 11 alunos leram um livro, pode-se dizer que é alto o número de alunos que leram livros de literatura de massa, pois apenas 2 alunos dos 11 não leram livros relacionados à literatura de massa.

Este resultado é interessante e, apesar de restrito o número de alunos, a pesquisa de campo atesta as suspeitas da pesquisa bibliográfica, de que é mais acessível aos alunos e de maior conhecimento entre eles os tipos de livros de massa.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa bibliográfica e de campo do presente estudo abordou a literatura na sua importância na leitura, independente do caráter de estilo a que segue a literatura, seja literatura de massa, seja literatura clássica, assim como outras literaturas como a literatura feminina, crítica, entre outras, é importante para constituir o leitor, para inseri-lo no mundo da leitura.

Diversos teóricos discutem a importância da literatura no sentido restrito social, cultural, e muitos aspectos, além disso, precisa-se inferir que no contexto escolar a literatura compreende o papel de formar leitores críticos, despertar o gosto pela leitura e pela literatura. Neste sentido, infere-se que os cânones não sejam a única opção percebida como fonte de ensino e aprendizagem, sobretudo, ligado ao papel do professor como incentivador e mediador do conhecimento e aprendizagem. Que o professor possa inserir em suas aulas e momentos que cabem, a literatura e a importância desta, que explique a literatura vista como arte, e não apenas só inserir a literatura na escola, por meio de livros em momentos de leitura, ou com fins de impor por necessidade a leitura de clássicos, mas promova a importância da literatura e da leitura.

O professor não precisa se limitar apenas no ensino da literatura como conhecimento sistematizado, pode até encarar as aulas como uma forma dinâmica de pesquisa de novas faces de assuntos, assuntos esses que agradam os alunos quando se veem lendo uma leitura simples e de fácil entendimento.

A literatura deve ser vista como algo que agrada, agrega, contribui e não apenas um hábito obrigatório. Levar em consideração a escolha e gosto pessoal do aluno também é importante. A literatura de massa têm se mostrado acessível, presente no cotidiano de boa parte dos estudantes, assim, precisa-se considerá-la como fonte de leitura, este é foco, e não as variedades de opiniões sobre os tipos de literatura.

De acordo com os dados apresentados no decorrer dessa pesquisa consegue-se observar a literatura de massa presente, no cotidiano dos alunos e dentro do ambiente escolar, sendo um assunto bastante falado por eles em relação aos livros já lidos. Através de uma observação no decorrer da vivência de estágio e

sala de aula, percebe-se a inserção dessa literatura nos momentos de leitura, principalmente de educandos que trazem o livro de casa para dentro da escola.

Trabalhar a literatura de massa em sala de aula é uma saída eficaz para produzir no aluno o hábito da leitura literária, sendo que assim, através dessa leitura o aluno pode chegar de forma voluntária até outros estilos, inclusive a literatura clássica e chegar a entender até as obras com vocabulário rebuscado e da norma culta.

Em busca de uma metodologia prática para a inserção da literatura de massa em sala de aula, os pesquisadores e os teóricos, argumentam ser uma inclusão positiva, favorecendo o processo de ensino aprendizagem para a fomentação da leitura literária. De forma prática não encontrou-se um plano estratégico ou uma pesquisa de campo prática que norteassem este processo de inclusão. Ressalta-se a importância e a necessidade de estudos práticos na implementação da literatura de massa no cotidiano do ensino de literatura em sala de aula, para os níveis fundamental e médio.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5ª edição, São Paulo: Editora paz e Terra, 2002.

ALVES, Dulce. **Literatura: múltiplos conceito para o termo**. Disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/redacoes/1354657>> Acesso em: 22 de Maio de 2016.

ARANHA, Gláucio; BATISTA, Fernanda. **Literatura de massa e mercado**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. 7ª edição, São Paulo: Editora Ática/Unesco, 2002.

BLOOM, Harold. **Onde está a sabedoria?** Lisboa: Relógio d'Água, 2008. Tradução de Miguel Serras Pereira.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Qualidade para a Educação de 1998**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 1998.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura. LDB-Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CALDAS, Waldenyr. **Temas da Cultura de Massa: Música, Futebol, Consumo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CERRILLO, P. **Literatura infantil e mediação leitora**. In: AZEVEDO, F. Língua materna e literatura infantil: Elementos nucleares para professores do ensino básico. Lisboa: Lidel, 2006.

CORTINA, A. **A literatura de massa na perspectiva dialógica**. São Paulo, v.1, n.5, p.133-150, 1º. Semestre 2011.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

ELPES, Michel Lima. *et al.* **A Literatura na Escola**: escolhas de jovens leitores. Principia: Caminhos da Iniciação Científica. Juiz de Fora, v 1, 2009.

GONZAGA, Sergius. **Romantismo: origens**. Disponível em: < http://educaterra.terra.com.br/literatura/romantismo/romantismo_1.htm> Acesso em 25 de Fev. de 2016.

JOBIM, José Luís. **A crítica da teoria**: uma análise institucional. Revista Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo: ABRALIC, n.2, p.69-78, maio de 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar. Rio de Janeiro, 1986.

LOURENÇO, Daiane da Silva. **Entre instituições de ensino e mercado de consumo**: a leitura de narrativas em língua inglesa por adolescentes brasileiros. Maringá: Universidade Estadual de Maringá; 2012.

MACHADO, Ana M. **Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **A Literatura de Massa como Iniciação à Leitura**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense; 2001.

_____. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2013.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 Fev. de 2009.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. –9ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

PEREIRA, Adriana; LIMA, Vivian. **Best-sellers ajudam despertar o gosto da leitura**. Disponível em < <http://www.diariodaregiao.com.br/vidaeeestilo/best-sellers-ajudam-despertar-o-gosto-da-leitura-1.296725>> Acesso em: 23 de Maio de 2016.

O DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 20 de Maio de 2016.

PEREIRA, Adriana; LIMA, Vivian. **Best-sellers ajudam despertar o gosto da leitura**. Disponível em <<http://www.diariodaregiao.com.br/vidaeeestilo/best-sellers-ajudam-despertar-o-gosto-da-leitura-1.296725>> Acesso em: 23de Maio de 2016.

REZENDE, Lucineia Aparecida de (org). **Leitura e Formação de Leitores: vivências teórico práticas**. Londrina: EDUEL, 2009.

ROCHA, Flávio Amorim da. **Cultura de massa na escola: uma proposta de letramento literário**. Disponível em < <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/615.pdf>> Acesso em 10 de Mar. De 2016.

SANTOS, Kelly Ferreira dos. **Leitura dos Jovens: a marginalização dos Best-Sellers na Escola**. Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2009.

SILVA, Fernando Moreno da. **Um Olhar Sobre a Leitura de Best-Seller**. Revista Travessias [on line]. Edição 2. Araraquara: UNIOESTE, 2004. Disponível na Internet: < <http://www.unioeste.br/travessias> > ISSN 1982-5935.

SOUZA, Grazielle Campos de. **Leitura do Professor, Leitura do Aluno: processos de formação continuada**. Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, 2004.

TAVELA, Maria Cristina Weitzel. **Literatura de massa na formação do leitor literário**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de-massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf>> Acesso em 26 de Mar. de 2016.

TEIXEIRA COELHO, **O que é Indústria Cultural?** 35ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: editora brasiliense, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VICHESSI, Beatriz. Reserve lugar para as sagas na estante. **NOVA ESCOLA**. Edição 281, ABRIL 2015. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/leitura-sagas-best-sellers-sala-aula-preconceito-adolescente-882441.shtml?page=0>> Acesso em 26 de Mar. De 2016.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário 1 – Professor -Ensino Fundamental

Escola: _____

Docente: _____

Data: ____ / ____ / ____

1. Como são trabalhadas as aulas de Literatura no Ensino Fundamental?

2. Como a Literatura de massa é trabalhada em suas aulas?

ANEXO B – Questionário 2 – Alunos -Ensino Fundamental

Escola: _____

Nome: _____ Série: _____

Idade: _____ Sexo: () masculino () feminino Data: ____ / ____ / ____

1. Como é para você as aulas de Literatura?

2. Quantos livros de Literatura Clássica você já leu?

() Nenhum () Um :(Qual?) _____

() mais do que um:(Quais?) _____

3. Quantos livros de Literatura de Massa você já leu?

() Nenhum () Um :(Qual?) _____

() mais do que um:(Quais?) _____

ANEXO C – Questionário 3 – Alunos -Ensino Fundamental

Escola: _____

Nome: _____ Série: _____

Idade: _____ Sexo: () masculino () feminino Data: ____ / ____ / ____

1. Quantos livros de Literatura Clássica você já leu?

() Nenhum () Um :(Qual?) _____

() mais do que um:(Quais?) _____

2. Quantos livros de Literatura de Massa você já leu?

() Nenhum () Um :(Qual?) _____

() mais do que um:(Quais?) _____

